

# ILUSTRAÇÃO



2.º ANO  
NUMERO 27

Lisboa 1 de Fevereiro de 1927

PREÇO  
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

# VERAMON



**Se sofre de dôres  
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.



Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

# LINCOLN

## DISTINÇÃO

A distinção e o bom gosto estão ligados com o Lincoln, porque os seus possuidores são considerados arbitros na elegância

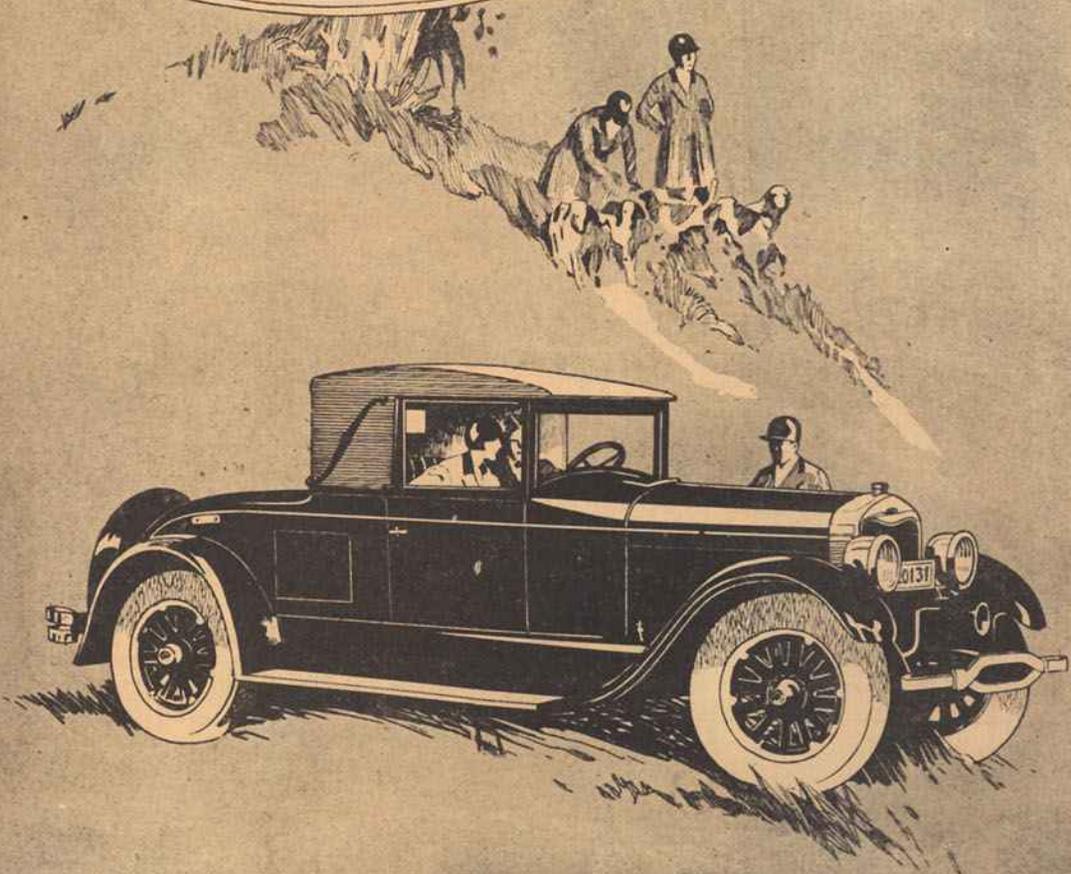
O carro Lincoln, que tem sido criado para aqueles cujo gosto exquisito lhes permite escolher o melhor entre uma multiplicidade de ofertas, vê-se cada dia mais honrado pelos grandes «connaisseurs» da Europa e America

GRANDES STANDS EM LISBOA E NO PORTO

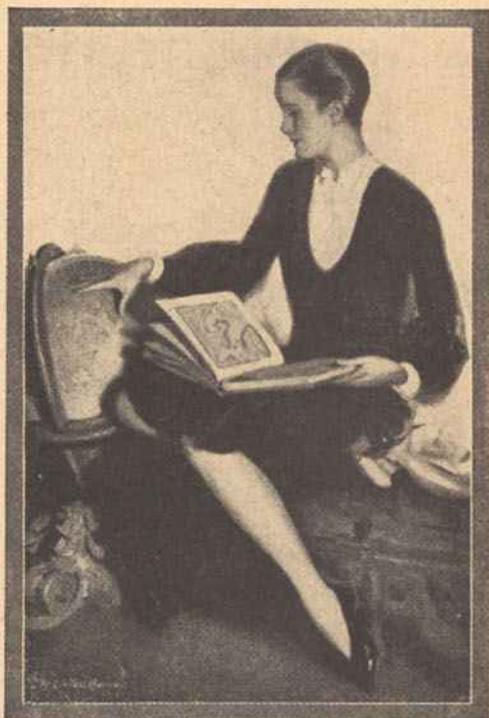
Ford Motor Company

S. A. E.

BARCELONA



Leiam todos



O

MAGAZINE  
**BERTRAND**  
LEITURA PARA TODOS

Unico  
no seu genero  
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 2.<sup>o</sup> Numero

Agencia Oficial **LINCOLN - FORD - FORDSON**

**OREY, Ltda.**

R. 24 DE JULHO, 42 A 42-C - LISBOA

Chama a vossa atenção para o anuncio publicado na 1.<sup>a</sup> pagina

**Agora**

**Guie o Automóvel!**

Só quem tem tido a fortuna de guiar um automóvel Dodge Brothers CONSTRUÍDO RECENTEMENTE é que pôde apreciar cabalmente os aperfeiçoamentos que lhes tem sido feitos nos últimos mezes.

Foi conservada a primorosa qualidade que torna tão seguro o seu serviço, mas foram-lhe acrescentados requintes tão numerosos que não podem ser mencionados aqui.

Contorno gracioso da carroceria, lindas combinações de côres, funcionamento silencioso, andamento flexível e suave, tudo isto é testemunho dos grandes melhoramentos que lhes foram feitos.

Sirvam-se dirigir-se ao revendedor mais proximo para poder guiar hoje um carro Dodge Brothers.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

21, Avenida dos Aliados



**AUTOMOVEIS  
DODGE BROTHERS**

O  
**Novo Atlas Universal**  
DE  
**Geografia e Historia**

POR

**J. MONTEIRO e L. SCHWALBACH**

alem de interessar a todos os que se dedicam a assuntos geográficos e históricos possui incontestavel valor:

- |   |  |
|---|--|
| a) para os engenheiros, comerciantes, agricultores e industriais... | (Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal: Portugal agricola, geológico e mineiro; Planisfério com as estações radiotelegráficas.) |
| b) para os cartógrafos .....  | (Teoria das projecções mais usadas em geografia.)  |
| c) para os filólogos.....   | (Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)  |
| d) para os coloniais .....  | (Numerosos mapas das colónias portuguesas.)  |

Pela primeira vez aparecem os mapas relativos às conquistas portuguesas em Marrocos (sob a direcção do Dr. David Lopes) e às grandes regiões e sistemas de montanhas da Península Ibérica — 118 Mapas.

O Atlas mais completo e barato

.....

PEDIDOS ÀS

**Livrarias Aillaud e Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# INFALIVEL

A Todas as boas

dônas de casa

que queiram

a alegria no seu lar

# ISALITA

recomenda

a

sua colecção

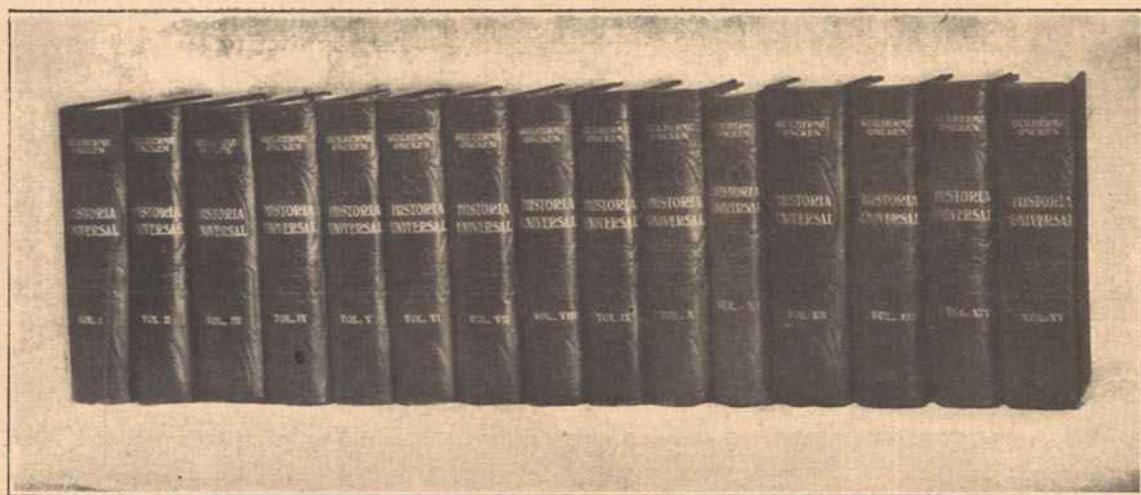
de

Receitas escolhidas

para

Dôces e Cosinhados

## OBRA MONUMENTAL

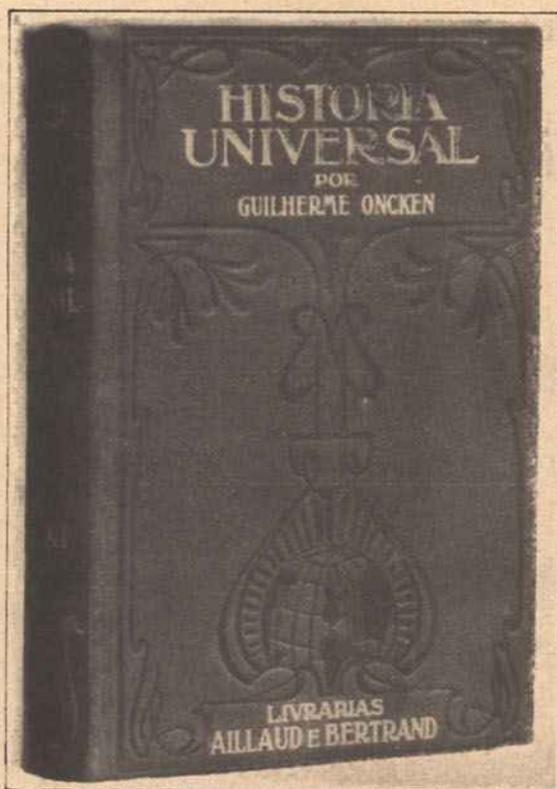


# HISTORIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.º. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.



*Já publicados:*

91 tomos = 15 volumes.

**10 % de desconto**

a todas as pessoas que adquirirem os 15 volumes duma só vez

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

*A terminar brevemente a publicação.*

Cada vol., enc. ....	65\$00
Cada tomo, hr. ....	8\$00
Encadernação por cada vol. ....	25\$00
Capas para a encadernação .....	15\$00

Pedidos aos editores: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABAM DE APARECER

NOVAS EDIÇÕES

Vicente Blasco Ibañez

# A Catedral

(4.º edição)

# Jesuitas

(3.º edição)

# A Cortezã de Sagunto

(3.º edição)

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**PETROLEO** M. d. P.



# HAHN



**PARA O CABELO**

*Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, atormosua-  
mento, conservação e desenvolvimento da cabeleira*

FRASCO GRANDE 24.000 FRASCO PEQUENO 17.000  
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: *J. DELIGANT, L.<sup>da</sup>*  
15, RUA DOS SAPATEIROS - LISBOA



## A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C<sup>os</sup>), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

*Novidade literária*

AQUILINO RIBEIRO

# ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

**GRANDE EXITO DE LIVRARIA**

3 EDIÇÕES VENDIDAS  
DURANTE 1 MÊS

PEDIDOS AOS EDITORES

**Livrarias Aillaud e Bertrand**

73, R. GARRETT, 75 - LISBOA

### COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima - Estatutos de 10 de Novembro de 1894

## LEILÃO

Em 7 de Fevereiro proximo futuro e dias seguintes, ás 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Caes dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 11.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despezas accessórias, proceder-se-á a venda em hasta publica de todos os remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados. Aviso-se, portanto, os respectivos consignatários, que poderão ainda retirá-los, pagando o seu debito a Companhia, para o que terão de dirigi-los a Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Caes dos Soldados, todos os dias uteis até 4 do referido mes, das 10 ás 17 horas. O leilão realiza-se no Armazem situado no Rm do molhe 1.º S. da referida estação em Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolonia, defronte da escadilhento.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1927. - Pelo Director Geral da Companhia, *Lima Henriques*.

### COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima. - Estatutos de 10 de Novembro de 1894

## EXPLORAÇÃO

Tendo sido annullado o concurso para a venda de água, fruta, doces e tabacos durante o ano de 1927, na estação de **Campolide**, annunciado por Aviso de 1 de Novembro de 1926, faz-se publico que até 31 do corrente mes de Janeiro, pelas 13 horas, esta Companhia recebera para a referida venda naquela estação novas propostas, em carta fechada, dirigidas ao Engenheiro Chefe da Exploração, em Lisboa - Santa Apolonia. São preventidos os proponentes que: 1.º - No encilhento das propostas, além do endereço, devera indicar-se o seguinte: *Proposta para a venda de água, frutas, doces e tabacos, na estação de Campolide*. 2.º - As propostas deverão estipular claramente o preço fixo para a venda até 31 de Dezembro de 1927, considerando-se nulas e de efeito nenhum as que se apresentarem fora destas condições. 3.º - A adjudicação sera feita a quem melhores garantias offereça a Companhia, independentemente do preço offerecido, reservando-se igualmente o direito de proceder a deliberação verbal entre todos ou apenas entre os concorrentes que entender, no caso de lhe não satisfizerem as propostas recebidas. 4.º - As demais condições estão patentes na Secretaria da Exploração, em Lisboa e na estação de Campolide. - Lisboa, 24 de Janeiro de 1927. - Pelo Director Geral da Companhia, o Engenheiro Sub-Director da Companhia, *Lima Henriques*.

# O 2.º Numero do Magazine Bertrand

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

## LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 23—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE ECA

DIRECTOR TÉCNICO:

FELICIANO SANTOS

Ano 2.<sup>o</sup>—NÚMERO 27

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE FEVEREIRO DE 1927



## AVIAÇÃO PORTUGUESA

(Cl. Serra Ribeiro)

Em cima: O AVIÃO «ARGUS», EM QUE AVIADORES PORTUGUESES SE PROPÕEM FAZER A VOLTA AO MUNDO

Em baixo: A TRIPULAÇÃO DO «ARGUS», DESPEDINDO-SE DO GLORIOSO AVIADOR, ALMIRANTE GAGO COUTINHO, A BORDO DO «LUTETIA», NA SUA PARTIDA PARA O BRASIL

## CRÓNICA DA QUINZENA

É claro que isto não se vê das arcadas do Terreiro do Paço, nem do conversadoiro do Rossio, nem dos passeios do Chiado, observatórios essencialmente miopes; mas não há dúvida que se estão operando transformações muito interessantes para além das fronteiras desses mirantes, que só se miram a si próprios. Por isso a *Crónica da Quinzena* tem de pedir um telescópio emprestado e de apontar para o Oriente, a ver se distingue alguma coisa na agitação da Terrestre República.

A Terrestre República chamava-se de antes o Celeste Império e, sendo muito pacata, honrava este seu velho nome. Depois veio à escola à Europa e aqui reaprendeu a guerra e a política, conheceu a grande indústria e o grande comércio, o socialismo e a sociologia, coisas de que se tinha esquecido ou que nunca tinha visto, e sem as quais passava perfeitamente. Aconteceu com ela pouco mais ou menos o que se deu com todo o Oriente, a quem o Ocidente, em vez de dizer, como o poeta romântico a menina bonita:

*Dorme, que eu velo, sedutora imagem,*

estremunhou do seu letargo hereditário, gritando-lhe, como Jesus ao defunto:

— Levanta-te, e caminha!

O Oriente acordou, levantou-se, e começou a caminhar perfeitamente sobre os calos ocidentais. Agora até já quer passear por cima dos calcanhares do Ocidente, como estamos vendo pelo que se deu com o poderoso Império Britânico, obrigado a fugir de Hanquet e ameaçado já de ter de largar Xangai, deixando lá toda a bagagem.

E agora? Agora há duas hipóteses, ambas muito desconfortáveis: ou o Ocidente se decide a manter a sua posição de director do mundo, e então começará, para maior divertimento da nossa geração, a guerra da América e da Europa contra a Ásia; ou o Ocidente abdica, fatigado e dividido como se encontra, e atendes o «perigo amarelo» promovido de papão a efectivo.

E é que pensa d'isto o pensamento ocidental? Que entende a tal respeito a inteligência europeia? Já os jornais estrangeiros abrem sobre o problema, que consideram o mais grave deste momento, vastos inquéritos onde virão depor todas as sumidades; e em breve o grande pú-

blico saberá o que dizem e prevêem os filósofos e os poetas, os políticos e os financeiros, os moralistas e os trocistas. Mas o grande público não dará a tudo isso, e com toda a razão, maior importância do que lhe merece uma fita de Charlot ou Douglas Fairbanks. Largos dias tem cem anos e o futuro a Deus pertence.

— Vem aí a Índia, vem aí o Japão, vem aí a Ásia! dir-lhe hão quasi todos os pensadores europeus. O grande público continuará a tratar da sua pequena vida, ir-se há habituando pouco a pouco ao catelismo, que só o será depois de consumado, e, quando no Terreiro do Paço houver um pagode chinês, o grande público imaginará que sempre assim foi — e não andará por longe da verdade.

Aliás não falta, entre videntes e profetas, quem deseje que o Oriente chegue amanhã, no «Orient-Express». São os que pensam que a Europa se afunda no materialismo, são os idealistas ou os visionários, e os Sansões que não se importam que morra Sansão, desde que não escape viv'alma de quantos aqui estão. Os Russos, por exemplo, sabem muito bem que a China, a Mongólia, a Índia, o Tibet e o Himalaia têm de passar por Moscovo antes de arribarem a Berlim, Paris e Londres; mas isto não os faz hesitar um instante em abrirem a Ásia as portas da Europa. E as almas alta e profundamente religiosas, os espiritos que sufocam no actual dilúvio da matéria, convencidos de que o Oriente é a forja ou a central eléctrica, a geradora ou a chocadeira de todas as religiões, já cantam como o galo o nascimento de um novo sol, porque esperam que o futuro Gengiscane seja puramente o batedor e o núncio de um novo Cristo, de um novo Buda, ou de um novo Confúcio.

Ninguém se ria desses orfãos de um deus forte e vivo, porque eles são os verdadeiros representantes do homem vulgar de Linneu, animal especificamente religioso, filho e pai, crucificador e resurgidor, escravo ou assassino da eterna e imprescindível divindade.

O homem ocidental adora hoje o deus Zero, ou, quando muito, o deus Fórmula. Roido de scepticismo, desertou dos paraísos que outrora construía no Céu e quis fazer o Paraíso na terra. O resultado é este: é que teve de deixar toda a esperança, toda a resignação, todo o espirito de sacrificio, e se afundou no pra-

zer, na sofreguidão ou na enveja. Os sentimentos que trazem alguma doçura à alma da velha fera cederam o passo a aqueles que só produzem amargos de bôca, escancarar de fauces ou ranger de dentes. E os espiritualistas europeus ou americanos, todos aqueles ocidentais que sabem e sentem que o homem ocidental perdeu a sua alma, esperam e desejam que do Oriente lhe venha outra alma, nova em folha.

Com o Árabe senhoril e lento os negociantes, políticos e desportistas de Ocidente verificarão a inutilidade do aeroplano, do telégrafo e do automóvel, servidores da nossa vã agitação e pressa, e aprenderão a gastar bem o seu dia em rezas e abluções sacras; a mulher árabe, que parece um saco de batatas, de escondida e desfigurada sob quarenta metros de panos grossos, influirá modéstia e pudor na mulher europeia, semi-nua com os seus vestidos de 300 gramas.

Os faquires índios ensinar-nos hão a resistência à dor física; os discípulos do santo Mahatma Gandhi abrirão cursos de humildade e mansidão; templos de Buda convencer-nos hão de que o Nirvana é muito mais divertido que o Cinema, e o Não-ser muito mais apetitoso que o *jazz-band*, o *charleston*, o *black-bottom* ou o *stomp*.

Como o Japonês, suicidar-nos hemos abrindo o ventre, de o sorriso nos lábios, cada vez que nos morra um amigo querido, ou um adorado chefe de repartição. E a invasão mongólica porá em vigor na Europa a série interminável dos suplicios chineses, para castigar sem intervenção do júri os crimes que agora ficam impunes, graças a brandura dos nossos costumes. Cortar-se há a mão direita aos ladrões, em vez de permitir que eles a empreguem a pôr em novela os seus roubos.

Assim se apurarão as almas ocidentais, no crisol do sofrimento. O homem, assado, cozido e frito na dor, saberá outra vez que Deus existe; e o Espírito subirá de novo ao Céu, como chama viva a evoluar-se das cinzas da matéria.

Tudo isto nos dará o Oriente pródigo e generoso, em troca dos canhões, espingardas e couraçados que o industriámos a construir e manejar. É o que de longa data se chamava, com intuição profética, «um negócio da China».

## ACTUALIDADES



Na Sociedade de Escretores e Compositores Teatrais Portuguezes realizou-se, no dia 22 do mês findo, uma festa íntima de homenagem ao sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Direcção daquela colectividade, que após o regresso da sua missão oficial a Inglaterra retomou o exercício daquele cargo



Com a assistência do elemento oficial, realizou-se no Grémio dos Artistas Teatrais, por iniciativa da Direcção, uma sessão de homenagem á illustre actriz Lucinda Simões, sendo inaugurado o retrato a óleo daquela artista, que na festa foi representada por sua filha, a actriz Lucilla Simões e por seu genro, o actor Erico Braga



Grupo de assistentes às festas com que o benemérito Dispensário de Santa Isabel comemorou o 27.º aniversário da sua fundação



A comissão promotora da festa de recepção aos novos alunos da Faculdade de Letras, que se realizou, com grande brilho, em 20 de Janeiro findo



Os directores da Sociedade Nacional de Música de Câmara, que conta cerca de 1200 sócios e cujos serviços a arte musical são valiosíssimos, tendo já realizado 49 concertos e feito executar mais de 400 obras



O sr. Luis Bernardo de Almeida, sua esposa D. Ana Horbath de Almeida e sua mãe D. Josefa de Almeida, que com larga benemerência tem protegido a instrução, tendo feito construir na sua terra natal, Macieira de Cambra, uma escola modelar, dotada de material escolar perfeitíssimo



A ilustre actriz Lucilla Simões na peça «A Garçonete», em volta da qual se levantou violenta discussão, tendo originado conflitos na sala do Trindade, onde está em scena

# SOCIEDADE ELEGANTE



LADY MARION CARNEGIE

SUA EXCELÊNCIA A EMBAINATRIZ DE INGLATERRA EM PORTUGAL É, NA SOCIEDADE ARISTOCRÁTICA DE LISBOA, UMA FIGURA DE RELEVO, PELA ALTA POSIÇÃO QUE OCUPA E PELOS SEUS DOTES NATURAIS DE BELEZA E SIMPATIA, SEMPRE REVELADOS COM RARA GENTILEZA, NOS SALÕES DA EMBAIXADA A QUE PRESIDE

# SOCIEDADE ELEGANTE

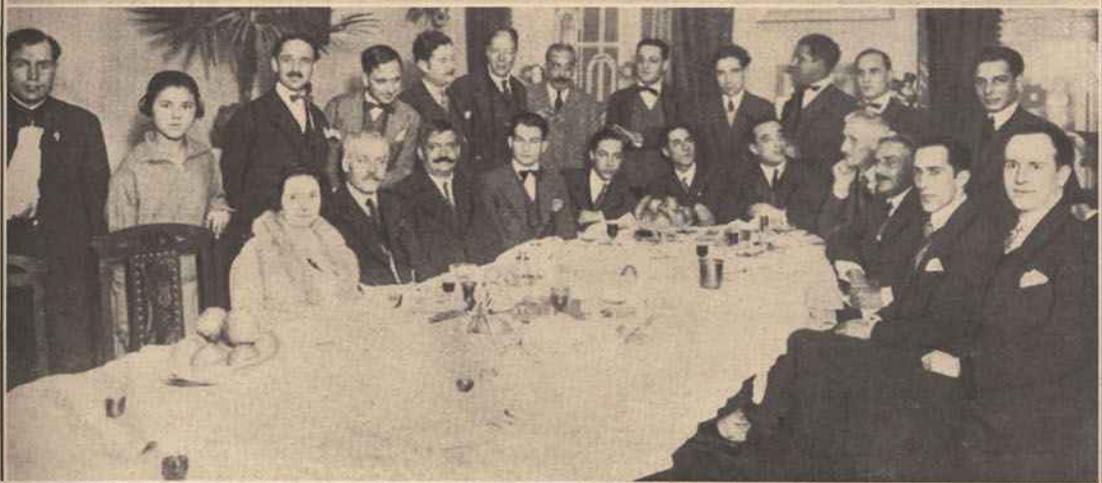


Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Gabriela Lamayer de Aragão-Morais com o sr. Jerônimo Carneiro, celebrado no palacete do noivo em Palhavã, vendo-se no medallhão, ao centro, o celebrante rev. Dr. Fernandes de Castro



Grupos de amadoras, que tomaram parte no sarau realizado no salão de festas do Hotel Palace da Cúria, na noite do dia de Reis, festejando o aniversário natalício do industrial sr. Alexandre de Almeida

## ACTUALIDADES



EM CIMA: O pintor português, Acácio Lino, junto de alguns dos seus trabalhos que actualmente expõe no seu «atelier», do Porto. Ao CENTRO: O sr. dr. Alberto Seavedra, assistente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, lendo na Associação Médica Lusitana, daquela cidade, uma interessante conferência sobre assuntos da sua especialidade clínica. EM BAIXO: Banquete oferecido pelo sr. José Valente, importante comerciante português, aos representantes da imprensa



Uma fase do desafio Internacional-Bemfica

# DESPORTOS

## HOCKEY EM CAMPO

Iniciados os jogos da 2.ª volta do campeonato de Lisboa, a posição dos diferentes clubs é a seguinte:

Internacional, 20 pontos; Bemfica, idem; Hockey, idem; Sporting, 14; Excelsior, 15; Amoreiras, 14; Portugal, 11; Carcavelinhos, 9.

Esta classificação traduz bem a marcha do campeonato, podendo-se desde já dizer que o

ga com muita alma, grande energia e correcção, tendo porém o defeito de empregarem o corpo em demasiado e de, ao pararem a bola com os pés, impelirem-na, como se jogassem foot-ball, o que, sendo «foul», os nossos árbitros deixam quasi todos de marcar o castigo respectivo.

O Internacional, campeão da época passada, é sem dúvida o grupo que mais técnica possui, mas falta-lhe a energia e vontade dos seus adversários. Com os elementos valiosos que dispõe, devia ganhar novamente o campeonato, mas, os

rapazes das Laranjeiras são contrários aos treinos e por isso nos desafios de responsabilidade vão-se abaixo no fôlego e conse-

quentemente no moral. E a propósito devemos aqui protestar contra o estado de todos os terrenos em que se está disputando o campeonato; são verdadeiros lamaçais onde por vezes a bola se enterra e é frequente vermos os jogadores à procura da bola que misteriosamente desapareceu. Assim, o jogo chega a ser ridículo!

O Hockey, vencedor do primeiro campeonato, encontra-se actualmente em boa forma, sendo os seus jogadores rápidos, enérgicos e cheios de fôlego. É o resultado do treino a fazer-se sentir e se o físico dos seus jogadores fosse melhor o seu «team» tornar-se-ia muito mais perigoso. Tem porém o enorme defeito de jogar com muita dureza, fazendo números «fouls» pela maneira como entram, ao adversário.

O Hockey atingiu agora uma fase decisiva para o seu desenvolvimento e que se nos afigura muitíssimo perigosa.

Os últimos jogos de campeonato tem dado lugar a scenas inadmissíveis que se podem mesmo classificar de vergonhosas. Está-se jogando com muita incorrecção, muita dureza, e se assim continuar, o jogo perderá toda a sua beleza e os próprios jogadores, na sua grande maioria, deixarão de praticar um «sport» de tal modo violento e perigoso que os pode seriamente magoar.



O «team» do Internacional, campeão de Lisboa

título de campeão de Lisboa virá a pertencer a um dos três primeiros classificados.

O campeonato que se está disputando com grande interesse e entusiasmo, demonstra bem o rápido desenvolvimento deste jogo entre nós e se bem que a técnica do mesmo seja ainda muito deficiente, as últimas exhibições tem acusado progressos indiscutíveis dos nossos jogadores.

Dos grupos inscritos, aquele que mais rapidamente se fez ao jogo, foi o do Bemfica. Jo-

quentemente no moral.

A técnica em campos como os nossos, de pouco serve, pois que sendo o Hockey um jogo de sciência e grande precisão, necessita de terrenos perfeitamente lisos e bem tratados para que o jogo resulte, tecnicamente.



O «team» do Bemfica, vencedor do Internacional

# TEATRO

GEORGES PITOËFF

E

LUDMILLA PITOËFF

EM LISBOA

Lisboa que costuma receber em fidalga bizzarria tôdas as celebridades artísticas do mundo, vai ter agora ensejo de dar a si própria uma lição de bom gosto e apurada sensibilidade, aplaudindo comovidamente uma das mais estranhas e complexas organizações dramáticas da hora actual.

Ludmilla Pitoëff e Georges Pitoëff, seu marido, russos de origem mas educados no mais requintado parisiense (Gorges Pitoëff cursou em Paris as suas *humanidades* e tentou mesmo o bacharelato em direito) vão dar quatro espectáculos em Lisboa, pisando um dos palcos por onde as mais altas individualidades do teatro universal tem passado.

Não necessitam os dois eminentes artistas de apresentação prévia para a elite culta de Lisboa que viaja ou por prazer ou por bom gosto. Mas tão sequestrada vive esta pobre cidade de convívio europeu, tão viciosamente se intoxicou na questiúncula política, na intriga de café, num bairrismo asfíxiante e estéril, que não seria de extranhar que a elevação artística, quasi



religiosa dêstes dois missionários da Beleza, passasse quasi despercebida no rumor agitado e vão das nossas desordens caseiras.

Com a «*Sainte Jehanne*» de Bernard Shaw, êsse maravilhoso poliptico a fresco da legenda da *Pucelle*, conquistaram Ludmilla e Georges Pitoëff, no «*Théâtre des Arts*» em Paris, a consagração definitiva. Pode sem receio afirmar-se que o mal-disfarçado azedume, a surda resistência, a irritação chauvinista dos franceses contra a obra-prima de B. Shaw, foi desde logo mansamente desarmada pela superior compreensão artística com que os Pitoëff a souberam impor.

Essa atmosfera de misticismo heróico e simples, êsse ar cantante de balada e de «mistério» em que o grande *metteur-en-scène* e actor faz desenrolar o auto genial, e a pureza de emoção, o sentimento religioso da obra que em Ludmilla encarnou, ardendo como um cirio místico em louvor da França eterna, tudo fez varrer como uma poeira importuna, preconceitos, azíumes, susceptibilidades, pondo de acôrdo num côro universal de louvores, a crítica e as platéas de Paris, ultra-exigentes para todo o teatro estrangeiro.

Outras peças igualmente audaciosas e estranhas, à margem do estafado reportório de exportação, trazem os Pitoëff na sua bagagem artística. Além de «*Sainte Jehanne*» já profusamente anunciada, ignoramos quais se destinam a servir de pasto à curiosidade lisboeta. Tôdas elas, porém, quer sejam de Pirandello, de Dostofewsky, ou de Lenormand, hão de marcar pela pureza da sinceridade, pela elevação intelectual das intenções, pela feéria modernista dos *décors*.

Foi com tal simplicidade de processos, — que lembra quasi a história do ovo de Colombo — que o illustre casal de artistas conseguiu conquistar Paris. Esperemos, por honra e decôr do bom nome alfacinha, que pelas mesmas virtudes simples, consigam convencer Lisboa.

E oxalá, de resto, que a lição de bom gosto e sensibilidade, aproveite também aos profissionais do teatro, renovando com um pouco de ar puro e fresco a atmosfera da nossa sêdica máquina teatral, da nossa bolorenta e mortíca scenografia, do nosso atrazo de séculos nisto de Teatro e Artes... correlativas.

# PELO MUNDO FORA



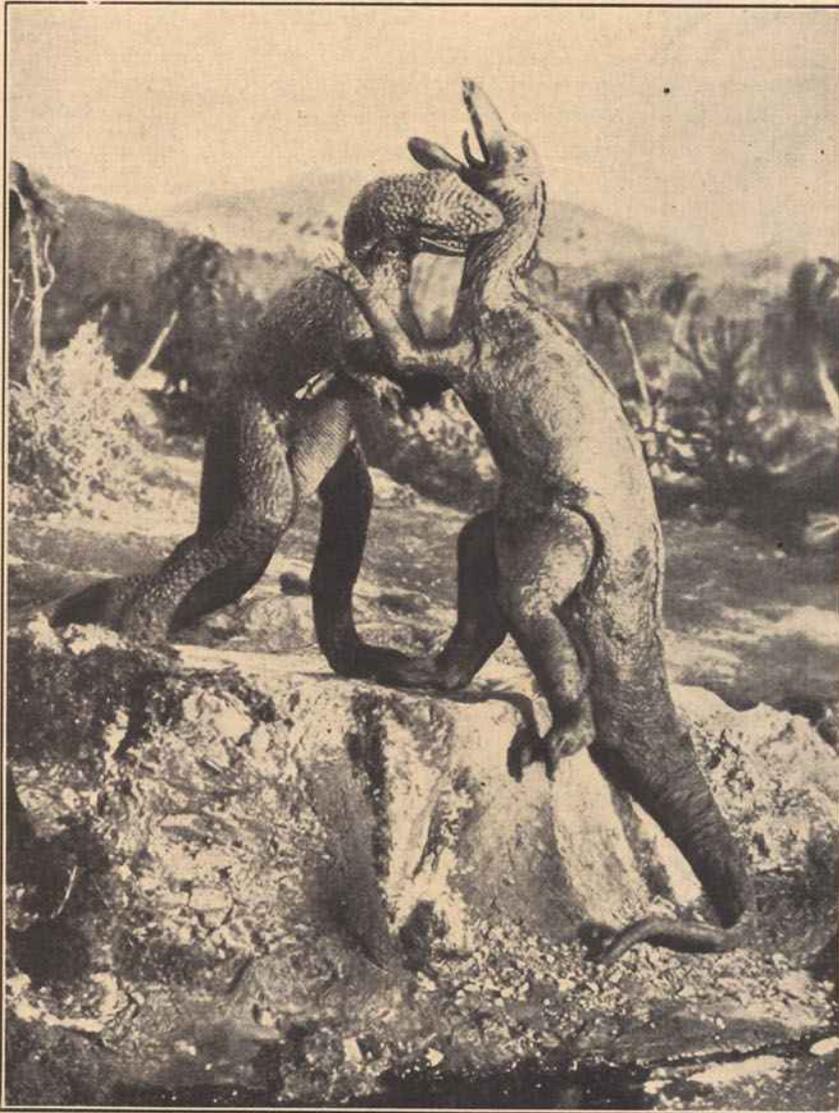
PARIS. — O sr. Doumergue, Presidente da República, abrindo simbólicamente no trânsito o boulevard Haussmann.



NIZA. — Aspecto geral da corrida do Grand-Prix da cidade.

# "O MUNDO PERDIDO"

Sen-  
sa-  
cio-  
nal  
ro-  
man-  
ce  
de  
aven-  
turas  
de



C  
O  
N  
A  
N  
D  
O  
Y  
L  
E

Uma scena do romance "O MUNDO PERDIDO"

Ler em 1 de Março no n.º 29 da

# ILUSTRAÇÃO

esta emocionante obra do grande romancista Inglês CONAN DOYLE, com a publicação da qual a "ILUSTRAÇÃO" inicia um interessante

## CONCURSO

com prémios no valor de Escudos **15.000\$00**

## DUAS PAISAGENS

Nos primeiros dias deixei que os meus olhos, cansados do espectáculo monótono das águas, errassem naquele mar largo de verdura, voluptuosamente. Impressionou-me aquele delírio extremo de vegetação, penetrou-me o sangue o aroma forte das resinas. Era como se tivesse nos braços, meu para sempre, na embriaguez formidável da primeira posse, o corpo ardente duma mulher — bebendo-lhe a seiva, cegando-me na sua luz, adormecendo no regaço de veludo das suas sombras, com a alegria esfusante, com o entusiasmo febril dum primeiro amor.

*Resas sobre os desertos e as areias,  
Sobre as florestas e a amplitude marinha;  
E, ajoelhadas, rodeiam-te as aldeias,  
Mudas servas aos pés de uma rainha.*

*Órdes, num holocausto de ternura...  
E abres, piedosa, a solidão bravía  
Para as águas e as névens, a acolhe-las;*

*E invades, como um sonho, a imensa altura,  
— Última a receber o adeus do dia,  
Primeira a ter a benção das estrelas!*



BRASIL. — A cidade do Rio de Janeiro vista do morro de Santa Teresa

De norte a sul daquele vasto território era ela sempre e em toda a parte, de monte a monte, ao longo das margens calmas, nos horizontes sem fim que o sol doirava, nos vales tranquilos onde se ocultavam ninfas.

Dominou-me a sua palpação, prendeu-me o seu vigor, enterneceu-me a sua profundidade e a sua grandeza.

Rufavam asus em todos os ramos, havia um murmúrio em cada folha, um sorriso e uma palpação em cada flor.

Águas cantavam, misturando a sua voz líquida à voz dos ninhos, e se um grito vibrava nos meus lábios repercutia-se prolongadamente, infundivelmente na espessura de esmeralda, através da floresta verde, como um toque de clarim.

Devo confessar que me entonteceu a paisagem do Brasil. Quanto mais os meus olhos a fitavam deslumbrados, mais perturbadoramente a sentia, escaldante de sol, galgando o azul, roçando os astros com a cabeleira farta das suas árvores colossais agitada pelo vento.

Cada ligeiro rumor semelhava um estrépito, cada tronco um gigante, cada cántico um coral imenso de mil vozes. E eu, pequeno, mesquinho, ante a grandeza inconcebível da mata ondeante e augusta, perdido naquele mar sem fim, sentindo à minha volta a palpação estranha de mil vidas, pisando em cada palmo de terra mil corações trasbordantes de seiva e transtornados de luz.

E quando, em frente aos morros todos verdejantes, os meus olhos se embriavam na última claridade dos poentes, vinham-me sempre à memória os versos de Bilac à montanha gloriosa e fecunda, unida de bençãos e murmurantes de ninhos:

*Calma, entre os ventos, em lufadas cheias  
De um vago sussurrar de ladainhas,  
Sacerdotisa em prece, o vulto alteias  
Do vale, quando a noite se avizinha;*

ração esquecê-lo, na embriaguez das grandes seduções, no tempestuoso arrebatamento dos delírios extremos; ele lá está no fundo, aguardando a sua hora, à espera de que o chamem de novo, sem pressa de que o lembrem, certo de que há de sentir a sua falta e desejar a sua companhia.

Os meus olhos cançaram-se; cançou-se o meu espírito. E foi num tremor, de alma lanceada, que eu recordei as paisagens místicas de Portugal, tão acolhedoras e ingénuas, duma doçura tão branda e duma tão lírica expressão — as paisagens inegaláveis de Garrett e de Júlio Diniz, de Junqueiro e de António Nobre, aquela amendoira tonta de Raúl Brandão, que floria em dezembro, a serra de fartura e de paz, bendita entre as serras, de que nos fala o Eça.

E nunca mais a esqueci e de dia para dia se foi tornando maior em mim a ância de revê-la, de senti-la perto de mim, em volta de mim, na graça do seu aconchego, no milagre da sua cor, na religiosa, inefável ternura dos seus murmúrios, com uma alegria de criança em cada aurora, com uma tristeza de monja em todos os crepúsculos.

Evoquei-a de longe, olhos enevoados de lágrimas, a alma em delírio, sentindo-lhe o perfume, como se a tivesse perto de mim, à minha volta.

E pela minha lembrança passou todo o Portugal maravilhoso, com as suas fontes cantadeiras, os seus vales sombrios e verdejantes.

O que o meu coração sofreu não sei eu dizê-lo. Sei apenas que a paixão devoradora que se aposou de mim ao defrontar-me com a paisagem do Brasil, se transformou, desde então, num grande medo, apetedendo-a, mas fugindo-lhe, querendo possuí-la, mas receando o perigo de me deixar possuir por ela, o medo de ficar preso para sempre da sua grandeza e do seu mistério.

Yara surgira na minha frente, como nos versos de Martins Fontes, com o pente de ouro fino a alisar os cabelos, verdes e vegetais, longos e luminosos, e eu tive receio das suas seduções, do verde glauco dos seus olhos, da sua boca rescedente de aromas, das suas linhas harmoniosas e belas,

*Como uma orquídea enorme, uma flor que se  
houvesse  
Transfigurado, ao luar, num corpo feminino.*

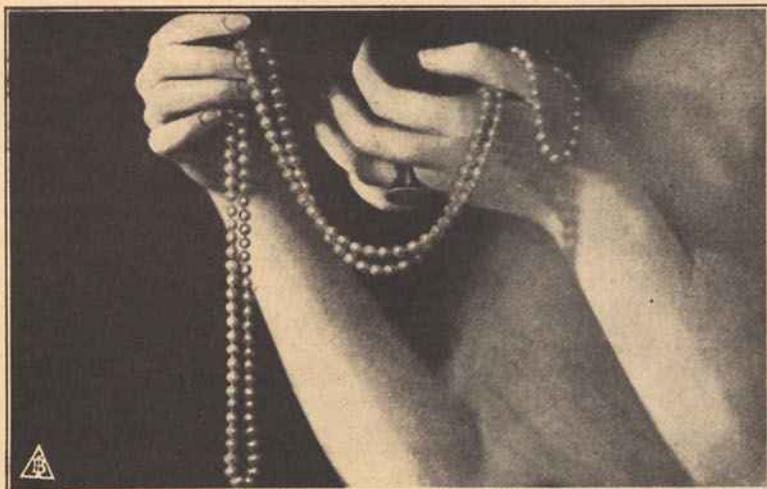
MÁRIO SALGUEIRO



PORTUGAL. — Caminho de Águeda

(Cliché do sr. Carlos Pereira Cardoso)

# A GRAÇA DOS ADORNOS JÓIAS E FLORES



os seus caprichos logrem satisfação a trôco de loucos sacrifícios. Voltou-se para a indústria na qual encontrou decidido e valioso concurso, e entrou a fantasiar, a exigir, sem se preocupar com a pronta realização das suas ideias, por ousadas ou extraordinárias que sejam.

E assim nos é apresentada uma magnificência de pedrarias de jóias faiscantes, soberbas, que estonteariam numa visão de maravilha impossível, as mulheres de outros tempos, mas que hoje estão ao alcance de tôdas as bôl-sas e de todos os caprichos.

Assim vemos, portanto, as pérolas usadas aos milhares, em longos colares que a despeito da previsão do seu próximo desaparecimento, cêem em sucessivas voltas quasi até à orla da saia; em diademas lindos, que atenuam o corte um tanto másculo dos cabelos cortados; em longos braceletes, etc. Os diamantes de fantasia estão também em grande voga. A úl-

tima novidade em jóias, consiste numa grande flor de diamantes e pedrarias de côr, esmeraldas, rubis, ametistas, topasios, etc., a qual se coloca na ponta do decote, como remate, ou sôbre o ombro, como uma simples flor natural. Os anéis figuram menos abundantemente nos dedos afuselados. Mas se é certo que se usam em menos quantidade, não é menos certo que ganharam extraordinariamente em proporções.

Uma simples pedra, formosa, grande, artisticamente encastada, é a jóia preferida para decorar uma linda mão de mulher.

As flores, que continuam alegrando as golas dos *manteaux*, os decotes dos vestidos, o remate dos cintos, — à compita com os laços, que lhes fazem séria concorrência como ornamento, — são delicadas de forma, feitas de sêda ou veludo, pano ou feltro, e encantadoramente coloridas.

Os frutos também surgem com êxito, a conquistarem um lugar nas golas de peles dos *manteaux*.

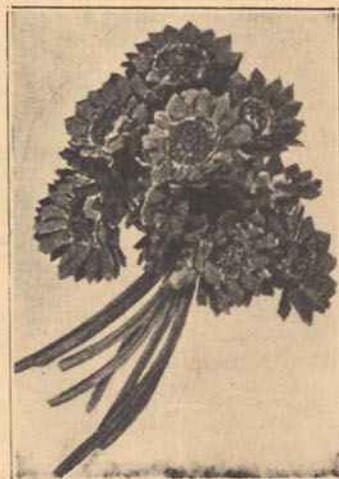
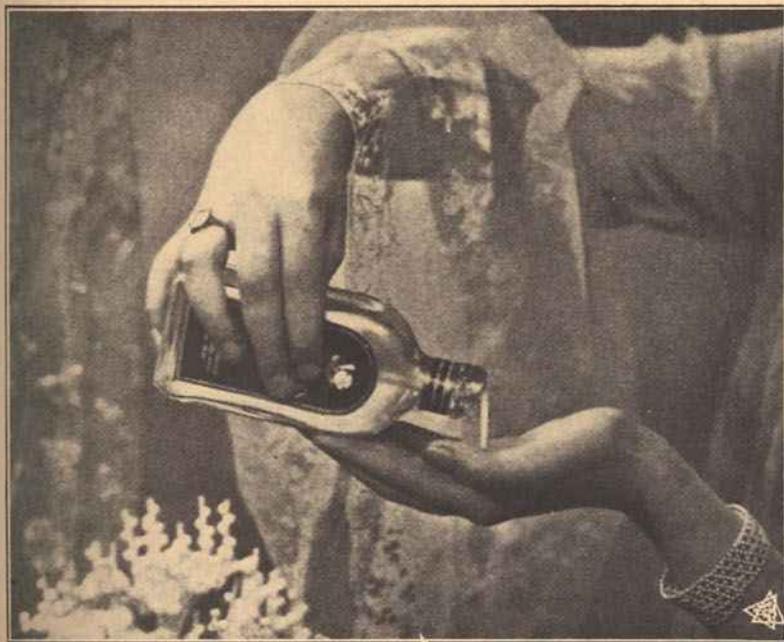
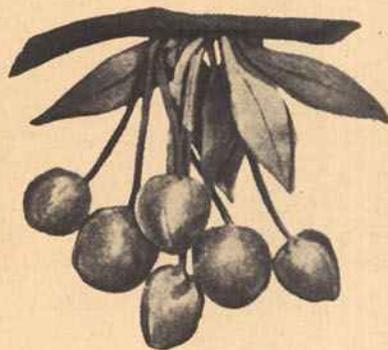
Para prova, apresentamos nesta página um gracioso ramo de cerejas feitas de veludo vermelho, pependes de um pequenino tronco, entre algumas fôlhas verdes, criação interessante de uma reputada casa parisiense que, em matéria de moda e elegância, dita leis ao mundo inteiro.



Neste momento, as flores e as jóias são largamente admitidas na toilette feminina, marcando nela uma nota de graciosidade e requintada elegância.

É certo que a fantasia, buscando copiar a verdade e simular-lhe o valor, entra por muito, na composição das jóias e das flores que a moda actual recomenda.

As flores... são de pano, e as jóias... não exigiram explorações arriscadas e exaustivas para a conquista das pedrarias que as compõem e que tão profusamente se empregam hoje na arte de joalheria. Não foi preciso tanto. A moda, sorridente, boa pessoa, não quer já que



# ONDE ELAS SE FAZEM...

(DESENHO E LEGENDA DE EMMERICO NUNES)



—SCENAS NA RUA, NÃO, ILDASINHA!... PARA QUE TEMOS NÓS O NOSSO LAR?

## LIVROS E ESCRITORES

Desencadeámos, ao que parece, a ira das divindades que, no alto emprego, presidem à produção literária e a regulam: numa das nossas crônicas anteriores, queixáramo-nos da longa estiagem que estava ressequindo o campo livreiro. Não brotava coisa que se visse, filha de gente de algo e adulta, nem mesmo obra vagabunda, de autor ainda resguardado em fraldas e cueiros.

Pois agora, como se, para castigo nosso, as cataratas do céu se tivessem rompido e, à lufalufa, andassem os anjos a imprimir livros e a arremessá-los cá para baixo, — a estiagem de há pouco trasmudou-se em dilúvio. Valha-nos Noé com sua arca!

Bastaram algumas semanas para erguer na nossa frente, maciça, ameaçadora, uma coluna de perto de meia centena de volumes, de prosa e de verso, de velhos e de novos escritores, já famosos uns, outros tão distantes ainda da fama, como a terra dista do sol.

Nestas circunstâncias, com tanta gente a requerer despacho, não podemos dar a cada um senão um comentário muito ligeiro, o que aliás não infringe a índole desta secção da revista, mais informativa do que seccionadora, mais amável do que mata-mouros, simples resenha do que vai aparecendo impresso e tem a gentileza de nos procurar. Dado o almiré, como resumo da impressão colhida na leitura dos livros — pronto. Depois, os cirurgiões da crítica de verdade que os puxem para a mesa operatória e lhes metam, descerimoniosamente, o bisturi. Isso já não é conosco.

Em primeiro lugar, falemos dos livros para crianças que o ano findo, ao retirar-se e querendo mostrar que não era tão mau como parecia, deixou cair de seu bernal. A sr.<sup>a</sup> D. Emília de Sousa Costa firma dois d'êles, nada menos: *O rouxinol e o grilo* e *Mosquitos por cordas*. Uma só historiazinha no primeiro, ilustrado por Eduardo Malta, e o segundo, que Alfredo de Moraes encheu de engraçados desenhos, convertido em boceta de vários contos, num o noutro a autora se mantém à altura dos créditos que há muito conquistou no género. Henrique Marques Junior, sempre trabucando, ano atrás de ano, no jardim infantil, e com esculpido modelar, fundou agora a sua talvez milésima colecção desta índole: esta denomina-se *Biblioteca Maravilhosa para Crianças* e os seus voluminhos aparecidos são três: *Aladino ou a Limpada maravilhosa*, *Se eu fora rei...* e *O anão amarelo*. Adaptações e não criações, mas da origem dos seus escritos, bem prestantes, não faz segredo o autor. Outros há que, enchido o cântaro na mesma fonte, tudo fazem para que lhes atribuam a inteira originalidade do que depois vasam d'êles. Henrique Marques Junior não é dessa laia. Outro livrinho, *O cavalo encantado*, que pertence à série dos *Contos para crianças* e é assinado pelo sr. Carlos Frederico. Extrahido das Mil e uma Noites, tem fantasia a ródos e é bem escrito. Belas ilustrações de Raquel Roque Gameiro enriquecem a historietta.

Permita-se-nos aqui uma observação comum a todos estes trabalhos: defeito é que livros

desta natureza não acusem sempre as idades a que cada um d'êles se destina. Nesse período da vida humana, dia a dia, quasi hora a hora, se alarga a esfera da nossa curiosidade. Daqui a obrigação de graduar as leituras. E desde que os autores não classifiquem suas obras sob este ponto de vista, limitando-se à vaga designação de «livros para crianças», — o percalço é fatal: pôr em mãos de crianças muito tenras livros que não podem ainda interessá-las e cujo sentido elas não atingem sem violência para seus cérebros, e nas doutras mais crescidas livros que, por atrasados em relação ao nível de seu desejo de saber, já as não cativam. Porque não evitardes isto, ó vós que vos dizeis e, certamente, sois amigos da gente miúda? Enquanto não se generalizar tal preceito, consideraremos

ROMANCISTAS  
E NOVELISTAS PORTUGUESES

*abrangendo o período exacto dum ano, que teve início em 1.º de Outubro de 1926 e findará a 30 de Setembro do corrente 1927, está em decurso o prazo, agora definitivamente marcado, para a apresentação dos vossos trabalhos ao nosso*

## CONCURSO LITERÁRIO

*Como ficou dito em anteriores números da Ilustração, dotamos este certame com dois prêmios pecuniários de*

5.000\$00 cada um,

*atribuídos da maneira seguinte: um, ao livro que um júri de consagrados homens de letras considerar o mais perfeito, quer quanto ao assunto, quer quanto ao estilo; o outro, ao livro que, por sufrágio dos leitores desta revista, for indicado como seu preferido, isto é, aquele cuja leitura mais intensamente os conseguia interessar. Ambos com direitos aproximadamente iguais, embora usando de critérios diversos, a crítica e o público poderão assim emitir seu voto na matéria. Coincidirão suas sentenças, proclamando eleita a mesma obra, em honra e proveito dum único autor? Hipótese bem pouco provável, mas não impossível, no caso de vir a realizar-se, não seria essa a nota menos sensacional do certame. Seu apuramento, feito nas vizinhanças do 1.º de dezembro próximo futuro, data para a qual se transferiu a*

## FESTA DO LIVRO

*de que êle faz parte e cujo programa se encontra ainda em elaboração, conservar-se-há até lá, no que respeita aos nomes e títulos dos escritores e dos livros vitoriosos, no mais impenetrável mistério.*

*Repetimos as bases fundamentais do concurso: 1.º — Só podem concorrer os livros originaes, de romance ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume dentro do prazo acima determinado; 2.º — Os editores dos referidos livros deverão enviar-nos cinco exemplares de cada um d'êles, para serviço do júri, escrevendo nitidamente no envólucro «Para o concurso literário da Ilustração».*

*Das obras ultimamente aparecidas, já se encontram inscritos os romances: Solteiros, do sr. dr. Vaz Ferreira, e Andam Faunos pelos Bosques, do sr. Aquilino Ribeiro.*

as obras infantis a êle falhas, mesmo que quanto ao resto sejam encantadoras, como as formosas de que fala certo prolóquio — formosas com senão...

Pê fora e pê dentro da literatura acima referida, foi como nos pareceu o livro *13 contarellos*, «que Irene escreveu e Ilda ilustrou para a gente nova». São bem interessantes estas histórias, salvo uma ou duas, como a intitulada *Mêdo*, deveras confusa. Se uns contos são adequados aos espiritos dos pequeninos, outros há que só adolescentes os devem ler, por tocarem já em ramos mais altos da árvore da vida. Mas o que se nota neles todos é uma imaginação vibrante e uma ternura generosa abraçando os aspectos delicados que o mundo contém e que não se ocultam senão a quem os não quer ver. Porém, se o texto escrito agrada, a sua colaboração artística nada lhe fica a dever. Constitui, sem favor, a revelação duma ilustradora com que de futuro há a contar. De técnica simplicíssima, firmes no traço, êsses desenhos são admiravelmente expressivos.

Como se diz que as cerejas puxam cerejas, já que estamos tratando de engenhos femininos, é boa ocasião de referir outro livro, que lemos há dias, saído também duma pena de mulher: *Personæ*. Feio título, sejamnos francos! Título que a autora, D. Adelaide Felix, não andou muito inspirada em escolher, porque decerto vai arriscar o êxito que a sua obra merece. Merece, sim. Neste livro, composto de sete trechos de boa prosa, da de bom timbre, da que flui e dá relêvo às figuras, não há a afirmação apenas tímida dum talento. A autora, aliás, não faz com êle a sua estreia. Já o seu romance *Hora do Instinto*, publicado há mais de um ano, conseguira despertar a atenção da crítica. O seu volume de hoje não faz senão confirmar os vaticínios de então. Novelas lhes chama, a estes pedaços de prosa, a autora. Nem a todos cabe o qualificativo. O trecho primeiro, por exemplo, não o é. Nesse *Ribatejo*, quasi sem acção, o que há é a exuberância, a opulenta paleta dum colorista. Adiante, porém, encontram-se verdadeiras novelas, com entreccho bem proporcionado, como *Acrobatas*. Pena é que, sem que com isso a sua linguagem, já sufficientemente rica de si, se enriqueça mais, a autora ouse neologismos que nos esfaqueiam a alma, como êste *hantisa-me*, de *hanté*, que se encontra no conto *O Alcoólico*. Pena isso — e pena também a fealdade do título. Quanto ao mais, é livro que vale.

Talvez fôsse acertado dar agora aqui entrada a todos os volumes de versos que recebemos nos tempos últimos e não foram ainda registados nestas crônicas. Mas êles são tantos, que melhor, agrupando-os, poderemos anotá-los na crônica seguinte, de parçaria com outros, de diversa índole, que fazem parte da maciça, ameaçadora coluna dos cincoenta...

De dois livros novos de Ferreira de Castro é que é mister falar já. E é mágoa nossa que, por escassez de espaço, não possamos alongar-nos a respeito d'êles — d'êles e do autor, e, já agora, também das acanhadas condições em que trabalha o homem de letras em Portugal, três assuntos com íntima correlação entre si. Da legião dos novos, Ferreira de Castro é dos que

marcham na vanguarda dela. Em tôdas as páginas desprendidas da sua pena crepita o lume da originalidade. Não é um passadista: onde os seus olhos perscrutam é no presente, na vida que nos braveja em volta, como um oceano batido pela tempestade. E não só no presente, como também no futuro. Por vezes as figuras e os factos de hoje fatigam-no e, então, corre, inquieto, sôfrego de mais luz, de mais justiça e de mais pão para os infelizes homens seus irmãos, pela estrada infinita do ideal. Fundindo a realidade e o sonho, o que observa e o que imagina, é com esta liga que dá corpo e alma aos seus livros. *O Drama da Sombra*, estas noventa



Vitor Falcão

páginas novas do novelista das *Lendas do Lirismo* e de *Amor* e do *Sangue Negro*, não desmentem o juízo formulado sobre Ferreira de Castro e sobre as inclinações do seu temperamento. Pelo cosmopolitismo das suas figuras, de que neste trabalho é exemplo Rosália Ramirez, o autor denuncia seu forte parentesco com alguns dos maiores novelistas de Espanha, aos quais também as linhas fronteiriças parecem asfixiar. O caso de amor estranho que se estuda neste pequeno raconto é dos mais curiosos. E a linguagem que lhe dá palpitação é cheia de cores em seiva e tem nervo. Precedera esta novela outro livro, *A epopeia do trabalho*, em que Ferreira de Castro peca, no título, por excesso de ambição. Todo o poema, apoteótico do esforço humano, nas suas múltiplas modalidades, não está, contra o que esse título sugere, no conteúdo deste livro. Mais modesto é, afinal, o seu alcance. Porém, diga-se já: não obstante o seu carácter fragmentário, apesar do seu significado de série de esboços para um friso esplêndido do labor moderno, há ali páginas sentidas e escritas com singular vigor. Servindo de legendas a desenhos de Roberto Nobre, desenhos com estranho cunho de arte, nestas estrofes soltas da epopeia que Ferreira de Castro sonhou levar a cabo mas que, como Sísifo, a meio da ascensão lhe rolou das mãos, perpassa um sôpro da eterna tragédia do homem em luta com seu destino.

Mais um feixe de artigos coligidos em volume pelo conhecido jornalista sr. Vitor Falcão: *Notas de Paris*. Na sua ligeireza, a matéria aqui contida oferece farto pretexto para meditações sobre muitos dos acontecimentos que estão agitando, por toda a vasta roda do mundo, os nossos dias. É que o autor não se postou em Paris para beber até a embriaguez os effluvíos capitosos da folia, como quasi todos os seus visitantes fazem, mas sim para melhor apreender e registar com inteligência desperta o com-

plexo movimento de correntes sociológicas e também estéticas, que na *Ville-Lumière* se polarizam.

Certo é, porém, que esta centena e meia de páginas não pretende dar-nos minuciosa notícia e muito menos uma sinopse critica, integral e metódica, das ideias que orientam as várias facções da humanidade hodierna. Notas soltas, escritas ao acaso, mas denunciando firmeza e brilhantes faculdades na pena que as traçou, estas crónicas, entretidas frequentemente de referências patrióticas a Portugal, o que elas dão — e bem — é testemunho das preocupações intelectuais do autor, atentas ao surdo rumor das multidões, que dia a dia, com a insatisfação dos grandes artistas, erguem e derrubam seus ídolos e fazem e desfazem doutrinas e ideais.

Outro cronista, este da geração moça: o sr. Maia Alcoforado. O seu livro, *Poalha Dourada*, lê-se sem tédio, não obstante o seu extremo subjectivismo. Impressões de viagem, leves artigos publicados já em jornais, tudo tocado de muito lirismo, tudo desprendendo o perfume de uma alma romântica, o autor soube irradiar daqui aquilo que, na verdade, pouco ou nada nos interessaria, para, em compensação, nos pôr na intimidade de episódios sentimentais da sua existência susceptíveis de encontrarem ressonância em nosso espirito. Um sorriso duma linda boca feminina, um trecho curioso de paisagem, entrevista na terra alheia ou na terra portuguesa, uma hora de mais profundo enlêvo que nos rasgou na vida, iluminadas por um clarão magnético, perspectivas inéditas — qual de nós não tem coisas iguais a contar? E porque recordá-las é bom, gratos devemos estar ao sr. Maia Alcoforado, que, no seu livro, com a confiança de evocações similares, deu ensejo a que do fundo do nosso sêr, onde, como em gruta encantada, dormiam, essas lembranças se erguessem de novo. Um instante apenas elas nos conseguem encantar, é certo — mas acaso é mais consistente a irisada poeira que treme num raio de sol?...

Io ou cem temas de amor, eis o título e o sub-título do último livro do sr. Artur Marinha de Campos. A índole da obra, define-a logo o autor, e melhor do que nós o saberíamos fazer, nas páginas do prefácio, donde transcrevemos: «... a impressão principal que dêle, certamente, há-de ressaltar, é a de que o autor pretende fazer, não «poesia de namoro», o que seria ridículo, mas poesia sobre o sentimento do amor, defini-lo, assinalar-lhe a origem, distingui-lo dos outros sentimentos, decantá-lo, salientar a sua força, realçar a sua importância, celebrá-lo como estímulo do trabalho e do progresso, cantá-lo, como sustentáculo da família, da pátria e da raça, exaltá-lo como fonte inspiradora dos nobres ideais, sublimá-lo como garantia máxima da immortalidade do *Género Humano* e da sua constante ascensão para um infinito de beleza. Com esta intenção de arte e de filosofia, fêz o autor a apologia do amor sincero e puro, quer legalizado quer livre, e paralelamente, a condenação de toda a união sexual, livre ou legalizada em que o amor não intervenha.»

Estes apontamentos, como lhes chama o sr. Artur Marinha de Campos, aparecem vazados, uniformemente, em duas quadras de decassílabos bem trabalhados, certificando que o autor há muito se familiarizou com a linguagem medida e rimada. Poesia, no rigoroso sentido do termo? Nem sempre, visto que a poesia é a voz dos próprios sentimentos, e, nestas composi-

ções o que há, em quasi tôdas elas, é a análise fria desses sentimentos. Em suma, a matéria deste livro é, a rigor, de índole intelectual e não emotiva. E desde que nos não ponhamos perante êle a exigir-lhe o que o seu autor nem por sombras nos quis dar, não vemos motivos para que o não estimemos.

*Dicionário humorístico dos Amigos*, assim se intitula um voluminho que um escritor brasileiro, cujo nome se oculta no pseudónimo Hugo-Enotes, nos enviou do Rio.

Por ordem alfabética, foi o autor mencionando a variada adjectivação que é de uso e costume afixar ao vocativo Amigo, quando se escreve uma carta ou se traça a dedicatória dum livro. Sem dúvida, os comentários e as definições que cada um desses adjectivos, convencionais e as mais das vezes vazios de seu real significado, lhe sugere são dotados de bastante graça. Mas para saborear por inteiro todo o humorismo de que a obrinha está repassada, mister seria que residissemos na capital carioca e conhecêssemos, por-tanto, aquelas personalidades que, como exemplos flagrantes das suas observações, o autor apresenta a propósito de cada uma das expressões mencionadas. De quando em quando, lá nos surge um nome também conhecido por esta banda do Atlântico, mas como isso é raro, segue-se que o leitor português, perante o accentuado carácter de *charge* local que o livrinho de Hugo-Enotes apresenta, fica no mais das suas páginas sem lhe poder apreender todo o sentido irónico.

Como bando de estouvados pardais que, em tempo de colheita, abata vôo sobre uma eira, sendo o dono morto e seus parentes e servos

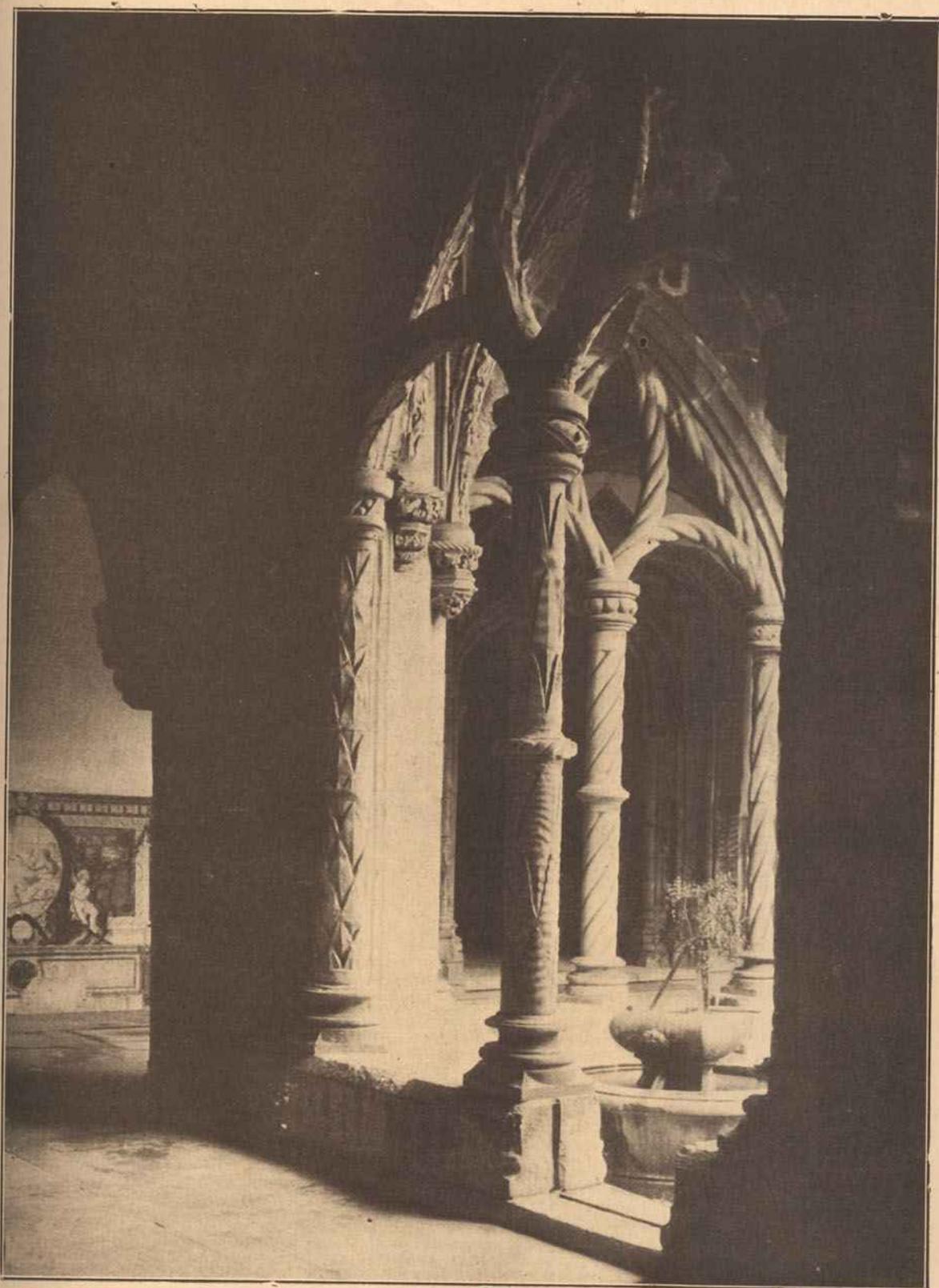


Marinha de Campos

ainda a pranteá-lo, — assim, sem temor nem piedade, as galhas tipográficas debicaram a farta na nossa crónica última. Logo no principio, em vez de *incontroversa* saiu *controversa*, virando do avesso o sentido da frase. E depois, ora aqui ora ali, as lesões são frequentes: umas vezes, palavras e letras aparecem sem que as tenhamos traçado; noutras, o que devia aparecer sumiu-se como por artes diabólicas. E de uso nestes transes apelarem os publicistas para a inteligência do leitor. É o que fazemos. E seja tudo em desconto dos pecados, que não são poucos, do cronista.

CÉSAR DE FRIAS.

ILUSTRAÇÃO  
PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



COIMBRA — IGREJA DE SANTA CRUZ — Claustro do silêncio

(Clichê do sr. Carlos Pereira Cardoso)

ILUSTRAÇÃO

# FEMININA

## AS PRIMEIRAS IDEAS PARA A PRIMAVERA

A moda da meia estação preocupa já as senhoras elegantes. As grandes modistas parisienses tem as suas colecções prontas, mas só muito avaramente vão facultando revelações sobre a ideia básica da moda para a próxima primavera.

Uma das intenções da soberana deusa da elegância, que já rompeu a barreira do segredo profissional, é de fazer prevalecer a cor negra no vestuário da meia estação em que entramos. Grande parte das *toilettes* de cerimonia ultimamente apresentadas, são completamente em preto; mas nem so os vestidos luxuosos, destinados a figurarem nos salões, sob a fulguração das luzes que lhes fazem realçar os pormenores e scintillar as *perlagas* e *pailletes*, são negras. Também nos vestidos simples, de passeio e visitas se opta pela cor negra, a cor distinta



Encantador o botes que figura no oval interior, realçado com veludo lile de negro e fitas de ouro ou seda no tom do veludo encanestradas

A fotografia do centro mostra uma linda toilette de baile, de georgette cor de rosa pallida, cuja saia e pregueza a máquina e guarnecida com uma magnifica perlage de cristal terminando com franjas altas

O nosso terceiro modelo, e uma graciosa capeline de feltro lilas, tendo como unica guarnição um formoso bouquet de violetas graciosamente colocado na aba, do lado direito,

vor da moda, mas é de notar que vai perdendo um pouco do interesse que principiou por despertar.

A ideia da harmonia das cores na toilette, prevalece, é certo, como base da elegância, mas menos exigentemente. O vestido pode ser diferente do *manteau* mas, para se buscar a nota harmónica do conjunto, escolhe-se, por exemplo, se o *manteau* for preto, guarnecido com pele de cor, as meias e o saco de mão na cor da pele que guarnece a gola e os punhos do *manteau*, mas os sapatos e o chapéu serão pretos.

Nota importante: Os modelos de meia estação não apresentam modificação sensível de linha, predominando nêles a nota de simplicidade que se notou na moda de inverno. A silhueta continua esguia e flexível; os vestidos cingem de perto as ancas, sem todavia acusarem demasiadamente as formas do corpo. Pelo que respeita à linha da cintura, vêmo-la fixada na altura dos quadris, apenas um pouco abaixo da altura normal.

Nalguns modelos, mesmo, a cintura aparece já marcada na altura natural, o que indica uma tendência para o seu regresso a normalidade.

Na altura das saias pouca alteração há a mencionar. Entretanto, nota-se o desaparecimento das orlas exageradamente subidas — prenúncio de que o bom senso pretende voltar a reger os impulsos da moda e a prestigiar a mulher...

Devemos convir que não é sem motivo que a razão surge a combater os excessos da fantasia...

Nos últimos tempos a audácia da moda — e mais ainda das suas fervorosas sacerdotisas, que tão prontamente exageram as ideias e intentos da grande e prestigiosa deusa levaram tão longe os requintes da... elegância...

por excelência. Em seda, veludo ou lã, os vestidos, na grande maioria, serão, portanto pretos, durante a estação transitória. Convem no entanto saber que o preto não se emprega com todo o rigor do seu tom severo, isolado de qualquer outra cor que traga um pouco de vida e animação ao conjunto da toilette. A aliança do branco e preto, está de novo em pleno favor, para gaudir do bom gosto, que sabe tirar partido de tão graciosa combinação. Nos vestidos de género simples, para passeios de manhã, sport, etc., é muito feliz esta aliança posta em prática das seguintes maneiras: sweater de *tricot* de lã ou seda preta, vestido sobre uma saia de sarja ou *reps* branco; ou jaqueta e blusa branca combinadas com uma saia preta. Mais discretamente, a cor branca aparece também nos vestidos pretos aplicada como guarnição. Gola, punhos e *jabot*, um peitilho ou uns galões graciosamente dispostos; uma banda aparecendo com o ondular duma *draperie*; um cinto, um laço; tudo agora é pretexto para se incluir gentilmente a nota leve dum pouco de branco, no negrume austero duma toilette de meia estação.

O conjunto formado pelo vestido inteiro e *manteau* ou, saia, sweater e jaqueta ou *manteau*, do mesmo tecido, continua ainda no fa-



# R O D I N

O Hotel Biron, na margem esquerda, usufrui o quinhão de sossêgo dos locatários do tranquilo bairro de Saint Germain. E a sua auréola de recolhimento histórico, avivada pelo traço lucicante da vida e obras de Rodin, que o elegeu por santuário dos seus mármore e dos seus bronzes, promoveram-no ao pósto de lugar santo de Paris.

Pelo quê, dos milhões de turistas anualmente desembarcados na Babilónia do Sena, dez por cento vão ali ao rebusco de recordações do passado e ao beija-mão do mestre do Enigma.

E das sensações mais perturbantes do museu Rodin a névoa de mistério, a incógnita enigmática que pairam no ar e envolvem tantos dos trabalhos do forte criador.

Só por excepção o malho e o escopro do estatuário arrancam direitos ao tema a desenvolver no bloco primitivo. Isto, quando se dá, constitui quasi derivante de acaso no seu estranho fluxo genésico.

O processo normal de realização que lhe define a máscara acidentada, aquele que lhe caracteriza a personalidade inconfundível, é o que põe o problema em equação deixando ao observador o encargo de o resolver.

Além disso, Rodin raras vezes se deixou sensibilizar pelo prestígio harmónico de Apolo, encarnação simbólica da beleza e da força masculinas. A sua retina não busca, a não ser por desfastio, as linhas de apurado equilíbrio que veem a luz sob a nomenclatura de Vênus. A Apolo ou Vênus prefere Quasimodo ou Gorgona — e a esta é a quele antepõe a Esfinge do deserto.

E será sempre sincero no apuramento das formas irregulares e na escolha dos temas enigmáticos?

Eu sinto-me inclinado a depor pela negativa.

Rodin viu com lúcido olho de psicólogo a massa mais ou menos sugestional dos que se nomeiam de entendidos. Rodin observou com perspicácia e segurança que o homem só se presta ao culto enquanto os deuses o deixam no vestibulo, perdendo-o no dia em que o chamam à sua intimidade. Rodin sentiu com agudeza e oportunidade que o caminho mais rápido para o triunfo é o que os sinceros rejeitam e os snobs aplaudem.

Pelo que, vendo, observando e sentindo estes grandes preceitos do alcorão de tantos triunfadores, a par de coisas formidáveis de justeza, de obras primas de concepção e de realização, executou numerosas charadas em barro e pedra, impondo o monstruoso em competência com o perfeito, abusando do anormal contra o normal: — na certeza premeditada de que seria o mau, com os clamorosos protestos da reduzida facção sincera e com as alvorçadas aclamações das muitas gentes super-argutas, que rapidamente lhe acreditaria o bom.

Esta arma de combate, exigindo para o acertado manejo uma rija couraça de cabotismo, é uma fôlha pulida em que flagrantemente se reflecte a consciência precária da maioria dos julgadores de officio.

Diante duma audácia de cabotino — a mão de

Deus, ou o tronco do Pensamento — se há dez com coragem para discordar, há sempre cem que concordam, e se extasiam, e aplaudem, vendo o que ninguém vê, sentindo o que ninguém sente. Vêem e sentem contra os que não sentem nem vêem... para se guindarem à classificação de pessoas muito mais inteligentes do que as contrárias. Distingue-as o olho do privilégio para a sondagem do longínquo e do escuro. Dispoem de sentidos que os demais não possuem para apreenderem os mundos vagos do imponderável. E novos sacerdotes de Josué, diverte considerá-los na cruzada de abaterem os muros da simulada cidade da inépcia ao clangor das suas trombetas.

Um dos exemplares flagrantes da costela teatral do Mestre é o Adão, de tétrica memória. Figura de pesadelo, obriga-nos a andar às cegas, no rebusco do fio de Ariadne, para não cairmos estarrecidos em sombrios labirintos.

Na presença da tóscareconstituição plástica do nosso primeiro pai uma dúvida nos sacode e nos domina.

Pretenderia o Mestre interpretar o Adão do do texto bíblico? Demaneira nenhuma. E tanto que o Primogénito não é ali a imagem e semelhança do Criador, resumo da beleza física que havia de ser o marco milenário, na via larga dos séculos, da graça divina da Criação: — aquele Adão foi feito à imagem e semelhança do rude Antropopitecus escrito e descrito na cartilha darwinista.

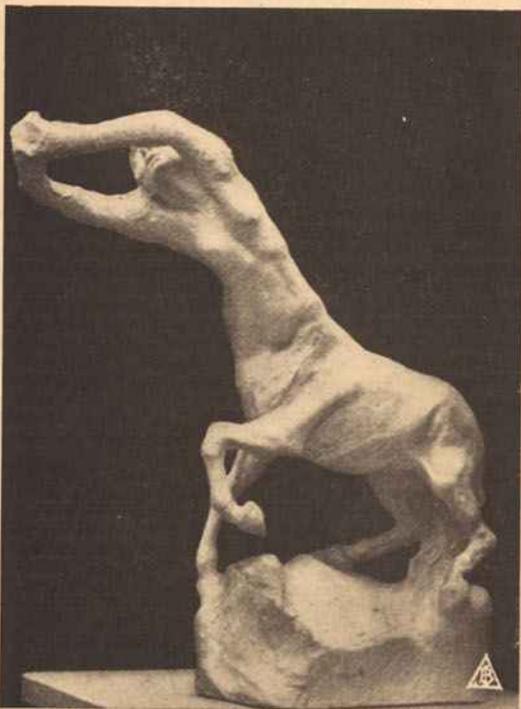
Procuraria então revelar-nos no mármore o bruto Ascendente que Darwin plantou nos livros como tronco vivo da nossa árvore genealógica?

Também não foi êsse o seu intuito. Porque o antropóide darwiniano brota íntegro do instinto animal para continuar no instinto animal as linhas paralelas da perpetuação. Ser de transição biológica, é já homem na carcassa exterior. Mas nos recessos crepusculares da alma primitiva o sentido dos valores morais não fez ainda fogo para acender a candeia da humanidade.

O Adão darwinico, nascido da animalidade para se perpetuar pela animalidade, não tem senão que obedecer às cegas leis da Biologia.



SOMMEILL



L'AME CENTAURESSE

O Adão do transformismo, sem o dom introspectivo dos factores morais, não pode ser aquele Prometeu agrilhado à penha caucásica do remorso, não pode ser essa massa consciente contorcendo-se no desespero do pecado original.

Rodin, não aceitou Moisés nem comungou em Darwin. Concertou um Quasimodo bíblico, cuja paternidade quasi se nos torna afrontosa.

É o caso do Vitor Hugo desnudo. Meu Deus: — o vosso filho varão, que os entusiasmos de escola promoveram a Deus entre os homens, aparece-nos sob o escopro sacrilégio reduzido ao torso membrudo do animal na selva. Parece que Rodin quis desenhar o Génio — sobrepondo-lhe a Fôrça. Lembra o Nietzsche da negação de ZARATRUSTA: — não o Miguel Angelo da reconstituição dos TESTAMENTOS. O Moisés miguelangelesco é formidável de corpo. Mas a sua alma formidável cerca-o duma luz tão alta como o Horeb, uma luz que ilumina um sem fim de gerações e de séculos. É o contraste que nos fere a sensibilidade e a razão entre o Vitor Hugo do CHÂTIMENTS e o Vitor Hugo de Rodin, do mesmo modo nos magoa a razão e a sensibilidade ao avultar o contraste entre o PENSEUR do estatuário de Meudon e o PENSEUR dos laboratórios e das Academias.

Aquele PENSEUR, aquele colosso de grenha densa, de fronte simiesca, de face primitiva, de músculos atléticos, não se lustra do mais remoto parentesco com Pascal — o do PENSÉES. No seu tronco robusto, nos seus braços hercúleos, nas suas pernas taurinas, maravilha de estudo e de documentação anatômica, quando muito lateja em borbotões o sangue rubro de Sansão.

A gente considera-o de frente, ou de lado, o pletórico arcaboço nu, sentado num bloco de pedra, a hirsuta cabeça abatida de fadiga — e não erguida na faina de procurar na luz as incógnitas do desconhecido.

E o mais que lhe lembra, é o Sansão do cativo: — a pensar, sim,

mas na morte próxima dos três mil filisteus do banquete contado no Velho Testamento. Ou então um Atlante — na folga da pena perpétua de carregar às costas o fardo do globo.

O pensar queima. O pensamento é claridade que resulta da combustão das fibras do nosso corpo embebidas no óleo do nosso espírito. E embora o pensamento seja Fôrça, o pensador só por excepção é um forte: — é antes, segundo o costume, a lenha seca da fogueira.

Não sei sacrificar ao culto idólatra das maiorias. Não receio o ferrete de tólo imposto pelos cenáculos. Pelo que, se tivesse de pronunciar-me no sufrágio relativamente à estátua de Balzac, eu entraria no número dos beócios contrários ao estatuário.

Acho adorável o Balzac do *Père Grandet*, o que agita e regula almas ao *fat lux* da llama criadora. Sinto-me confragido diante do Balzac de mestre Rodin, com a sua máscara convulsa de possessão, não se sabe se a arrastar a *robe de chambre* nos tormentos duma cólica intestinal, se nos desespêros duma crise de nervos contra o editor.

E no entanto, eu percorri o hotel Biron, eu subi a colina sagrada de Meudon, batendo aqui vinte vezes o joelho, ali quarenta vezes exaltando o poderoso. Porque a obra gafada de cabotinismo não diminui a obra resplandecente de génio.



BALZAC

Só o divino SOMMELLI, o bloco de calcáreo que à primeira vista se nos afigura trabalho em esbôço, sendo na sua estupenda realidade a mais definitiva evocação do mistério gerador, bastava para perpetuar um nome. Recordam-se? Quem o lita uma vez, não o esquece mais. Do bloco mal desbastado, névoa em floco, entremostrase o cotovêlo e o braço duma mulher. Acima do braço, ainda meio oculta na alva bruma da pedra picada pelo cinzel, entreabre a face dormiente dum infante. E ao alto, já em dia claro, já em rútila luz, a cabeça da mãe flutua, erguendo-se ao de cima da névoa e do mistério.

Olhamos a obra em conjunto: — e vemos a bruma a esgarçar-se, sacudida pelo sopro génico do amanhecer, e a vida, ainda sono, ainda sonho, a irromper e a clarear.

LES BOURGEOIS DE CALAIS constitui outra das grandes criações do escultor.

A figura de Eustáquio de S. Pedro, conduzindo as chaves da cidade para a entrega ao vencedor, é S. Pedro transportado do pátio do Sumo Sacerdote, depois de haver negado o Divino Mestre, as agonias da via-dolorosa. Tem ainda os olhos raios das lágrimas amargas das Escrituras — *flevit amarar*. E conduz as chaves esmagado sob a dor maior da sua vida.

A porta do L'INFER traduz a grandeza heroica dos tercetos de Dante, passada a barca de Charonte, naquele conhecido e épico adeus à esperança do divino *Poema*. O bronze de L'AGE D'AIRAIN, duma perfeição clássica, vibra dessa forte corrente de emoção que os mestres gregos não souberam comunicar ao encantamento das suas formas escultóricas.

E LA PENSÉE? Essa sim, pensa, derrama em torno luzes de interior, iluminando o tóco calhau donde desabrocha, absorpta e linda. O busto de PEVIS DE CHAUVANNES pertence ao número das obras primas de Rodin, que sendo definitivas no poder comunicativo, no processo escultórico semelham esbôços: — a forma humana a desprender-se do barro primordial. Da mesma família brotaram as mãos eloquentes de L'AME

CENTAURESSE, escultura simbólica de alto relêvo sensorial, cujas mãos mais se adivinham do que se vêem — e que clamam, contorcidas, todos os dramas da Fatalidade e do Abandono.

O busto de M.<sup>me</sup> Vicunha: — que suavidade de linhas e que fulguração anímica! A alma solta-se do mármore — e escuta, e interroga, e fala, como se de facto vivesse. O busto de Vitor Hugo, tão contrário à estátua posta em estado animal de nudez: — que concentração de fisionomia, em que se pressente a elaboração luminosa de novos seres e de mundos novos! O génio nimba-o de sol, o nimbo messiânico dos profetas e dos evangelistas.

Na SALA DAS PINTURAS, no rez do chão do hotel Biron, encostado à parede perfila-se um espelho sem estílo. Uma senhora que salta à minha frente, furiosamente loira, encontra o espelho e queda-se em contemplação. Pela arte de Rodin? Isso sim! Por sua própria arte — e do seu costureiro.

E eu pergunto, à espera de que me respondam: O que é tudo aquilo, afinal, graça e fôrça, destreza e génio, em face do milagre de engenho que todos nós surdamente julgamos encarnar?

Assim, ao pôr do sol, depois de ter subido a colina de Meudon, depois de ter visitado a casa e o túmulo de Rodin, outra vez: formulo aquela pergunta.

A cidade desdobra-se para além do rodapé da colina.

Anda no ar uma poalha de névoa, o hálito da Sulamite, mais denso acolá, aqui quasi indeciso.

Mas nem a névoa da cidade, nem a sua grande voz, nada me responde...

# A CASA PORTUGUESA

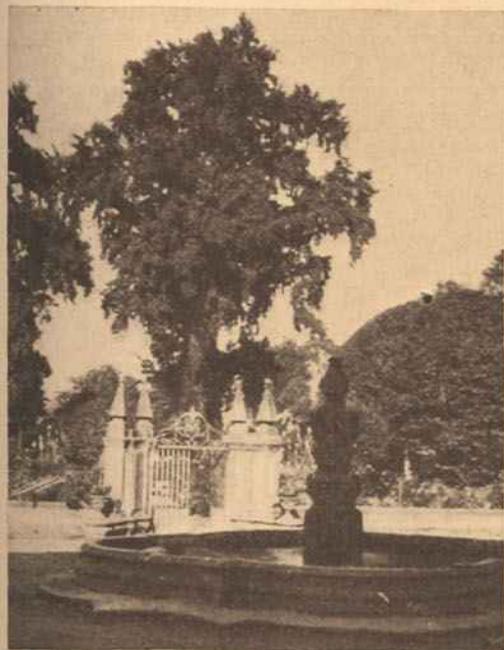
## CASA DOS BISCAINHOS BRAGA

SOLAR DOS SRS. VISCONDES DE PAÇO DE NESPEREIRA



EM COMPLEMENTO DOS ASPECTOS PUBLICADOS NO ÚLTIMO NÚMERO DA «ILUSTRAÇÃO», VEMOS AQUI A FACHADA DO PALACETE QUE DÁ SOBRE O JARDIM. ESTE É UM EXEMPLO MAGNÍFICO DA NOSSA ARTE SETECENTISTA DE ORNAMENTAR JARDINS. OS PORTÕES SÃO MUITO INTERESSANTES NA SUA COMBINAÇÃO DE GRANITO, AZULEJOS E FERRO FORJADO, E SÃO AQUI MAIS PRETEXTUO DECORATIVO DO QUE UMA NECESSIDADE.

DO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO FAZEM PARTE INTEGRANTE AS ÁRVORES E AS PLANTAS DISPOSTAS SIMÉTRICAMENTE. GUARNECEM O JARDIM SUPERIOR SOBERBOS CARAMANCHÕES CONSTITUIDOS POR ENORMES JAPONEIRAS CUIDADOSAMENTE TALHADAS EM ESFERA, E, A DOMINAR O TODO, HÁ DOIS GI GANTESCOS TULPEIROS QUE IRROMPEM TRIUNFALMENTE DE ENTRE O JARDIM E O POMAR.



FONTES, REPUXOS, CANTIMPLORAS E VARIADAS ESCULTURAS ANIMAM ESTE RECREIO QUE É ARREMATADO AO FUNDO POR UMA CONCEPÇÃO ROMANTICA TÔDA DE ANEIAS E CORUCHÉUS

# OS ESCALADORES DO CÉU

A mitologia e a lenda, mais ou menos com raízes históricas, propagaram através das idades a ância humana da perfectibilidade no símbolo dos escaladores do Céu, morada das divindades desde que a primeira prece balbuciou nos lábios do homem aterrado pelos fenômenos naturais, de que não conhecia a causa nem o efeito.

Penetrar na residência plácida dos deuses, trazer de lá, em desorde-

nada fuga de larâpio temeroso, o fogo sagrado, a chama mesma da Vida, foi façanha que só Prometeu conseguiu com a sua audácia pertinaz e ágil, mas dura penalidade lhe coube pelo feito sacrilego, porque o Supremo Tribunal do Olimpo o condenou àquela expiação do abutre que se nutria das entranhas do condenado, a cada bicada da ave voraz renovadas, para que o suplício fôsse eterno, expiação só ao alcance dos deuses, que tão facilmente destruíam um mundo como reconstituíam um fígado lacerado.

A pesar do feito tão duramente punido, os semi-deuses e os homens continuaram a ância de tocar a abóbada azul que lhes estava interdita.

Assim, os gigantes, abusando da fôrça com que os dotára a munificência divina, tentaram a construção daquele ascensor monstruoso, de que fala a mitologia helênica, sôbrepondo montes a montes, com a facilidade de quem faz uma pilha de tijolos. Júpiter, lá de cima, via a obra crescer e sorria, tran-

quilo, até que um dia, condoído talvez da tarefa inútil, fez um gesto e a construção temerária desabou, soterrando os construtores gigantescos.

Caso semelhante se deu com a Torre de Babel, construída também com intuito de escalar o Céu, mas ali a divindade preferiu o pitoresco à violência e em vez de fazer desabar a construção sôbre os obreiros preferiu fazer a confusão das línguas, transformando a obra num Berlitz em que ninguém se entendia.

Ultimamente, os homens renovaram as suas tentativas de escaladores do Céu, mas o espírito que os move não é o de perturbar as divindades na quietação da sua morada eterna. É, humanamente, uma questão simples de inquilinato, como acontece na América ou de monumentalidade, como se dá em Madrid.

O cimento armado veio facilitar estas monstruosidades de construção, criando verdadeiras ilhas no oceano de ruas e avenidas. New-York e S. Francisco detinham a tradição dos prédios gigantescos, mas o Madrid moderno, da Calle de



Edifício da radiotelegrafia, em New-York



Edifício duma estação telefónica em New-York

Alcalá e da Gran-Via também já não dispensa os seus *gratte-ciel* coroados de torrinhas que mais elevam para o Céu os prédios de quinze andares.

Madrid «newyorkisa-se» a olhos vistos. Os ricos-homens de Bilbao, que a guerra fez milionários, compram por todo o preço terrenos e velhas casas de Madrid dos tempos de Goya, que destrubam para sôbre os alicerces construir essas airosas gaiolas.



O Circulo de Belas Artes na Calle de Alcalá, em Madrid

## CINEMATOGRAFIA

O romancista francês que mais obras conta adaptadas ao cinema é o conhecido Pierre Benoît, sem dúvida um mestre do seu gênero muito peculiar. Um dos últimos grandes filmes sobre argumento do conhecidíssimo autor da *Atlantida*, é aquele que Jean Durand realizou para a casa Aubert e se chama *O promontório dos gigantes*. Damos a seguir o seu entrecho.

O acaso dispôs que um dia, certo rapazito de família rica, François Gérard, travasse conhecimento em Aix-les-Bains com uma pequenita estrangeira Antiope Antrimski. As duas crianças sentiram logo uma grande amizade recíproca e quando, no fim das férias, Antiope teve que regressar à sua pátria, deu ao seu amigo uma imagem antiquíssima, em cujas costas estava inscrita, em caracteres góticos uma frase misteriosa que resumia uma profecia feita há muitos séculos e da qual, a própria Antiope devia ser, mais tarde, a heroína. Rezava assim a inscrição:

*Foi na segunda-feira após o Santo Domingo de Páscoa do ano de 1112, que Devorgilla, filha de Antrimski, cometeu o crime ao atingir justamente nesse dia o seu sétimo lustro. Tempo virá em que outra filha de um outro Antrimski atinja também o seu sétimo lustro numa segunda-feira após um Santo Domingo de Páscoa; então, nesse dia, o crime de Devorgilla será resgatado, nos céus ecoará o som das trombetas libertadoras e o promontório dos gigantes verá, com a vitória dos oprimidos, a fuga do invasor.*

Passaram muitos anos e François Gérard, para quebrar a monotonia da sua existência, consagrou-se ao estudo dos dialetos da Europa Central; este facto levou-o a travar conhecimento com alguém que o deve conduzir a uma aventura fantástica: o senhor Terencio. Esta enigmática personagem, atrai a sua casa François Gérard, confundindo-o com um seu homónimo, professor de filologia no «Collège de France». O sr. Terencio explica então a François a razão porque os seus compatriotas, preparando um levantamento contra o país de que formam parte como uma província e que os oprime, decidiram convidar alguns representantes

de diferentes nações, escolhidos entre as sumidades intelectuais de cada país com o fim de que façam um juízo imparcial sobre os factos de que vão ser testemunhas.

A revolta deve estalar na segunda-feira de Páscoa, realizando assim a famosa profecia. François ouvindo a Terencio que vai ser hospede, tal como todos os delegados internacionais, do conde Antrimski, lembra-se da pequena Antiope que, segundo a profecia, deve ser a alma da insurreição e deixa-se passar pelo seu homónimo, sendo conduzido à reúnão em plena Europa Central, onde, entre outros delegados, está o Doutor Grutli, professor da Universidade de Lausanne, representante da Suíça. O intendente do castelo do conde de Antrimski é um ente assás misterioso, Ralph, que impressiona fundamentalmente François Gérard. Mas o próprio conde o recebe e reata as suas relações de infância com Antiope que, alguns anos antes, perdera seu marido num desastre de automóvel e desde então se consagrara, de corpo e alma, a causa separatista. Continuando a ser aos olhos das suas relações mundanas uma mulher

frívola, Antiope revela a François o seu verdadeiro temperamento de amazona, vibrando sob o ódio do opressor e domina com o seu carácter viril, a alma hesitante do falso professor.

Um dia, este, depois de deter em pleno campo o cavalo desenfreado da princesa Yanitza, mulher do governador, é convidado por ela a tomar chá. Dentro em pouco, François Gérard se torna em amante da louca princesa que, de resto, é amiga de Antiope. Esta finge não saber daquela ligação, mas Ralph surpreende ostensivamente as entradas tardias do francês.

O filho do governador, amigo também de Antiope, a quem ama, não quer acreditar que a revolta estale na segunda-feira de Páscoa como a sua linda amiga lhe assegura irónicamente. No entanto, julgando contrariar e talvez impedir a realização de qualquer loucura dos separatistas, a princesa Yanitza e seu filho convidam Antiope e os seus hóspedes para um grande baile, em domingo de Páscoa.

François Gérard, admirado da frieza de Antiope para com ele, decide espia-la e certa noite trepa por uma árvore que se ergue de

fronte da janela da sua companheira de infância. Qual não é o seu espanto ao ver a linda e nobre filha do conde Antrimski, nos braços de Ralph, o mordomo. Mas não foi só Gérard que surpreendeu o segredo. A seu lado quebrou um ramo e um homem caiu por terra. E o Doutor Grutli que confessa a Gérard não ser professor mas sim polícia, a sôdo do governo legal, mostrando, ao mesmo tempo, saber que ele, François Gérard, não é também o professor do «Collège de France» do mesmo nome.

Grutli, a quem um entorse proveniente da queda, não deixa mover-se, encarrega Gérard de deitar no correio algumas mensagens em cifra que contem segredos sobre o movimento revolucionário.

No momento em que François vai cumprir a missão de Grutli, Ralph atalha-lhe o passo e elucida-o sobre a verdade do papel do espião. Grutli é o culpado da morte de muitos separatistas e Peter, criado de quarto posto ao serviço de Gérard, cujo pai foi justicado, julga o infame esbirro morto há muito tempo.

Na noite de 23 de abril deu-se a reúnão em casa da princesa Yanitza, durante a qual Antiope, frívola em extremo, enredou na sua coquetaria o coronel Kartz, das tropas governamentais.

Ao romper da aurora um automóvel con-



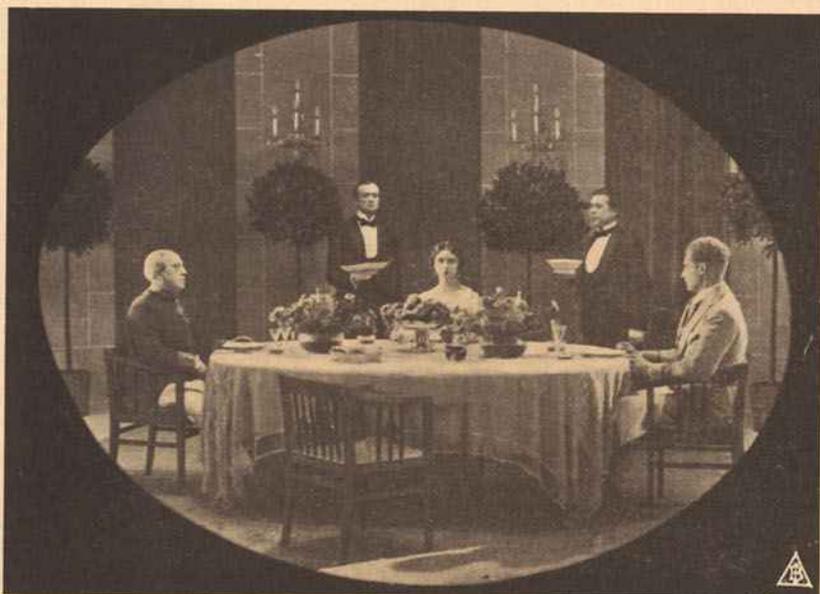
Tornou a encontrar Antiope, no quadro heráldico do seu maravilhoso castelo...

## ILUSTRAÇÃO

duziu os convidados ao castelo para se armarem e depois ao ponto onde deve estalar a revolta. No decurso desta viagem, Ralph diz algumas palavras a Peter e dali a pouco, o Doutor Grutli desaparecera. Estavam vingados os mártires da liberdade.

É Antiope quem dispara o primeiro tiro da sedição e a batalha terrível começa dentro da cidade. Infelizmente, a pesar do seu fanatismo heróico, o exército separatista nada poderá fazer em face do número, sempre crescente, dos seus adversários. Sôa a hora de capitulação seguida do fusilamento de muitos dos cabecilhas.

François Gérard, ferido por um obús foi recolhido pelas tropas governamen-



O governador, sua linda e volúvel esposa e o filho, decidiram atalhar os projectos dos separatistas...

o protagonista do filme *Barnum* sobre a vida do colossal empresário americano do século passado. A seguir e também para a Paramount, trabalhará num grande filme ao lado de Emil Jannings e Ginette Maddie.

O primeiro filme de Mosjoukine para a Universal será *Moscou*, segundo um argumento de Imre Fazekas. O encenador deste grande espectáculo guerreiro, género melodrama, será talvez Edward Sloman.

George Bernard Shaw vendeu os direitos de interpretação cinematográfica da sua comédia *Arm and the Man*, pela soma de trinta mil libras esterlinas!

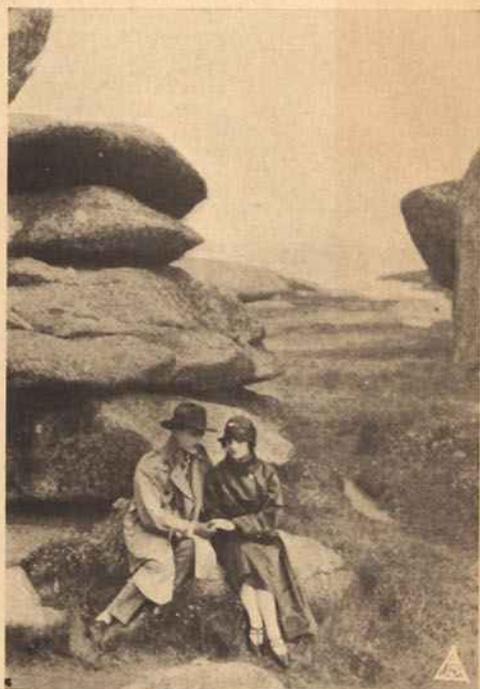
Quem será o comprador que assim dispõe duma fortuna de nababo para um só argumento? Conserva-se segredo nos meios profissionais.

Jacques Feyder, o grande animador de *L'Image*, vai filmar *O rei leproso*, segundo o afortunado Pierre Bénéoit.

Fala-se muito em que duas grandes firmas editoras americanas estabelecerão em Portugal agências comerciais directas. A ser assim, veremos talvez um fracasso dos yankees pois que o meio cinematográfico é tão restricto, que os proventos de tal exploração comercial não serão suficientes para as despesas de expediente, como as comprehendem os americanos.

romântica da aventura. O sábio responde-lhe entregando-lhe duas cartas que recebera e são destinadas ao seu novo amigo Gérard; uma da princesa Yanitza anunciando a sua próxima chegada a Paris e outra daquella que elle julgou Antiope enviando-lhe um derradeiro adeus. E nunca mais o frívolo francês pensou na profecia terrível do *Promontório dos Gigantes*. — (Edição Aubert).

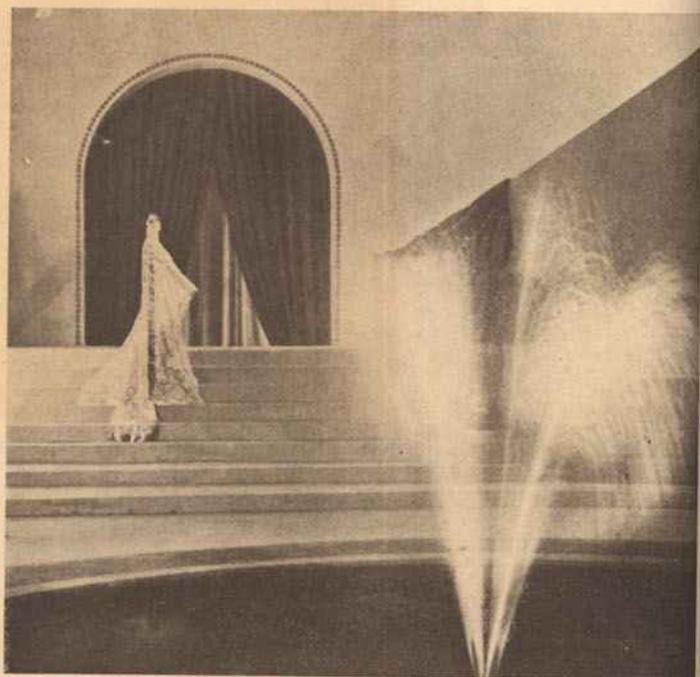
Wallace Beery, o magnifico artista que em Portugal tem muitos admiradores e que é incomparável nos cinicos e rústicos, está interpretando



François Gérard Antiope reataram o seu idílio no scenário selvático do «Promontório dos gigantes»...

tais e ao voltar a si reconhece, cheio de espanto, no enfermeiro que o cuida, o enigmático Ralph. Este, lendo-lhe placidamente a Bíblia, consegue pedir ao doente que, logo que saia com alta, se dirija ao castelo onde a mãe d'ele, Ralph, será assim prevenida de que o filho escapára. Alguns dias depois, Gérard, convalescente, cumpre a missão e sabe da bôca da mãe de Ralph a verdadeira identidade de Antiope. A filha do conde Antrimiski morrera no acidente de automóvel junto de seu marido. Mas para salvar o cumprimento da profecia, a noiva de Ralph, dama de companhia de Antiope, tomara o lugar de sua ama.

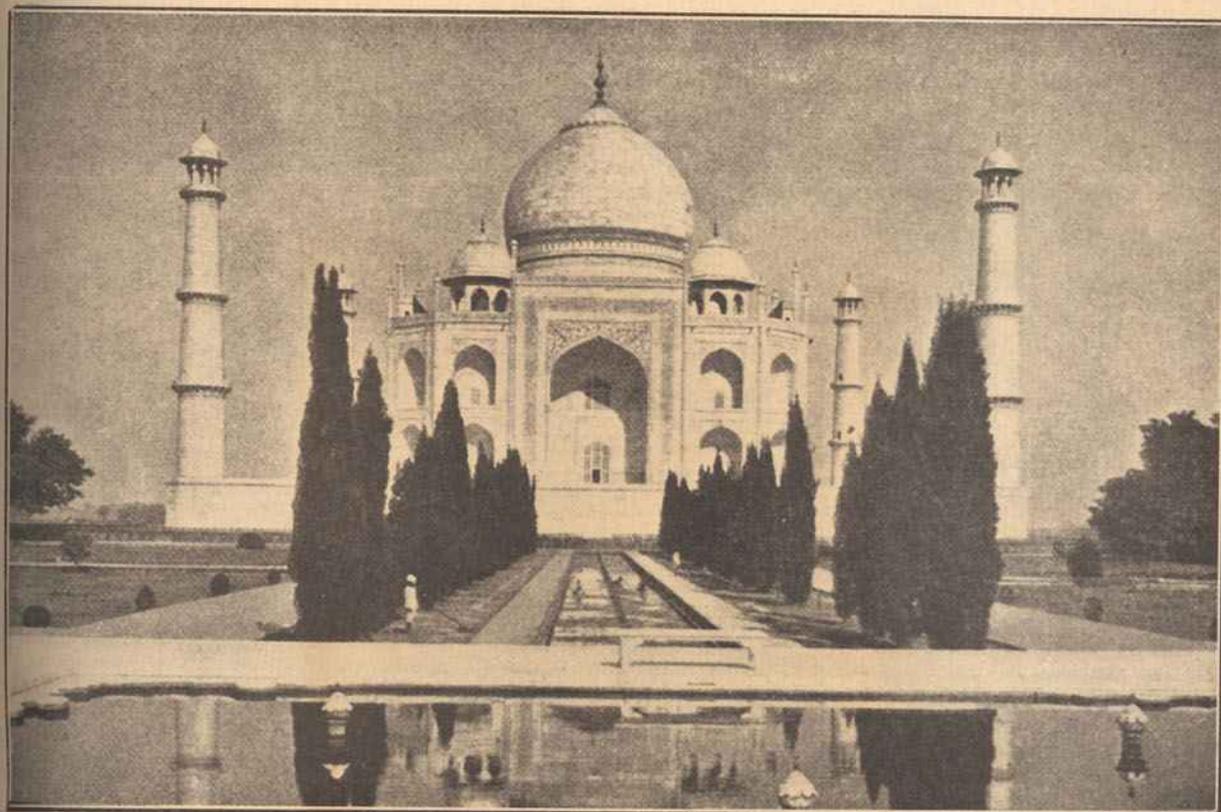
Alguns dias depois, vinha Gérard a saber pelo jornal que Antiope fôra condenada pelo tribunal de guerra a reclusão perpétua. O aventureiro rapaz voltou então a França e a sua primeira visita foi para o seu homónimo, confessando-lhe que se fizera passar por elle levado pela sedução



A princesa Yanitza triunfa «como mulher e como princesa, com a desapareição de Antiope».



TEIXEIRA LOPES — A História



# POEMA DE MÁRMORE

A JÚLIO DANTAS

Entre hortos de laranjais e limoeiros ergue-se magestoso e belo, o poema de mármore, o sonho mais deslumbrante do Imperador de coração enlutado — o Taj-Mahal que é como uma flor gigantesca e imaculada, cujas pétalas de minaretes parecem abraçar o céu deliciosamente azul da Índia.

O Jumna é o caudal de lágrimas que o Imperador carpiu de saudade pela sua Bem-amada, correndo entre margens areitadas como poulnha de prata scintilando ao sol, eternamente, como a dor eterna que nunca acaba.

Sahia-Jehun, o Imperador mongol, quando a princesa Nur-Mahal, a sua Bem-amada tombou ferida de morte como uma flor mimosa, num doloroso sonho, louco de dor, mandou erigir aquele grandioso monumento, um admirável poema de mármore cinzelado, perdurável reliquia do seu sobre-humano amor, com a sua cúpula como corola branca por desabrochar, que o sol no nascente e no ocaso alaga em púrpura.

E o nostálgico Imperador quando a saudade o pangia, sózinho e despojado de insignias imperiais, pálido e envlto no seu manto como um fantasma branco, convergia os passos para o santuário — a sala central de paredes recobertas de versículos do Alcorão em ágata, jaspe, turquesa, ônix, coralina, e alumida por um

lampadário de bronze em fanal perene, — e, encostando o seu coração magoado ao cofre de sândalo em que jazia o corpo divino e belo da sua princesa Bem-amada, segredava-lhe as suas mágoas, dolorosamente, como um rosário de amarguras:

«Minha Bela Princesa, já não escuto a tua voz que me enchia a alma como uma harmonia divina. Já não posso contemplar a tua face bela como a lua cheia e uma negra escuridão povda a minha alma.

«Depois que te trouxeram para aqui, meu Bem, o nosso palácio entristeceu e um negro véu de luto caiu sobre o meu coração viúvo de amor.

«O terraço donde nós víamos desfilar as tropas e recebíamos homenagem dos nossos vasallos nunca mais teve o sorriso das flores que perfumavam a nossa alcova. E a nossa alcova, — que sabe a história do nosso amor e os segredos do nosso noivado, e onde tu dantes te recostavas como um ídolo no coxim de damasco enquanto eu, de joelhos, desafogava os teus pés brancos e minúsculos como dois lotus, calçados de pérolas, — ficou sombria como uma câmara funérea sem o eco dos nossos beijos e sem o calor dos nossos afagos.

«Eu, que com um gesto incendiava batalhas e arrazava reinos, sou agora como uma criança

sem forças para romper este cofre que guarda avaramente todo o meu tesouro — o teu corpo belo como uma flor do paraíso de Allah, para apertá-lo de encontro ao meu peito!

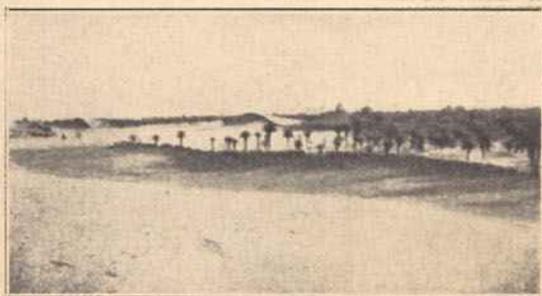
«Os impérios formam-se e ruem à vontade dos homens; mas o único amor que alberguei no meu coração está agora cimentado em dor, e só a dor é eterna.

«Ah! o meu império jaz na poeira! que me importa que o tirano de meu filho, Aureng-Zeb, me tire o trono, se o nosso império perdurável, minha Nur-Mahal, é este diminuto templo de grandeza e de amor em que reinaremos eternamente, amortalhados sob a mesma cúpula!

«Minha Bela Princesa! rompe essa mortallua, num milagre de amor, e deixa-me contemplar a tua face bela como a lua cheia...»

E mal a noite caía diluída em crepúsculo e as neblinas azuladas desciam a vogar sobre o Jumna, o Imperador com a alma angustiada de saudade, como uma flor rara que aviva a cor e perfume à boquinha da noite, envlto em seu manto de luto, sózinho e pálido como um fantasma, atravessava o templo silencioso para ir segredar as mágoas a sua querida morta que o aguardava para a entrevista de amor...

TEJO DE MASCARENHAS.

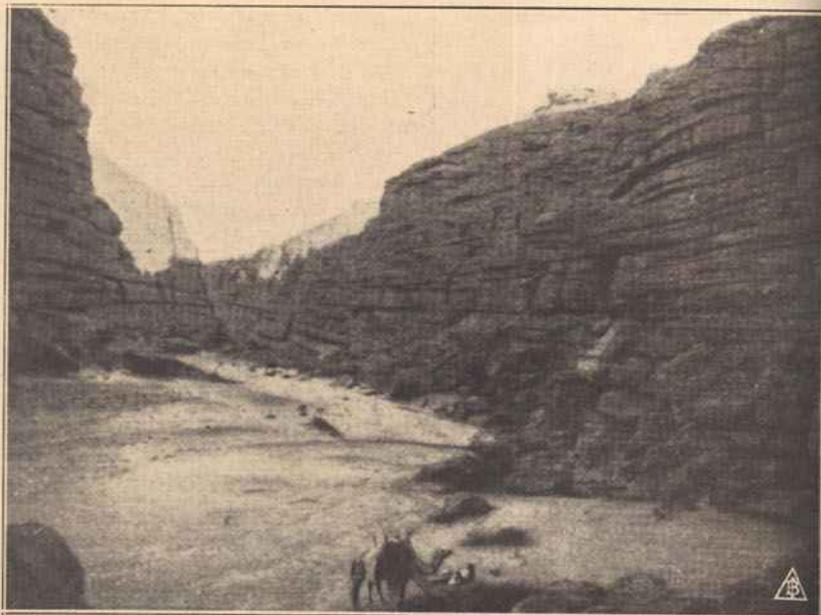


Em oásis

As necessidades da guerra, mais do que as do comércio em regiões de tão escassa produção, levaram os automóveis às regiões desérticas do Norte da África. Primeiramente foram os ingleses que os experimentaram na Líbia; depois os italianos, em Trípoli; em seguida os franceses. Todos se convenceram de que os automóveis, aparelhados como é de uso para rodar nas estradas europeias, não podem ser de grande préstimo na região confinante do Sahará. E assim, particularmente a partir de 1916, se estudam dispositivos, se tentam modificações e se arriscam capitais, com o fim de tomar posse do deserto pelo meio mais moderno de transporte terrestre que a civilização inventou.

Pensou-se, em tempo, que o problema fôra resolvido com a ligação do rodado anterior ao posterior por correntes sobre as quais assentassem as rodas. Essa disposição mostrou-se, na verdade, favorável, quando se caminhava sobre areias. Mas não é só de areia o deserto. Esta constitui o solo de espaços de maior ou menor área, bem delimitados, que às vezes podem contornar-se e, em outras, atravessar-se marchando sobre veios de terreno mais consistentes. Há sítios de montanhas cortadas por desfiladeiros, e planícies a que o basalto dá a mesma irregularidade que à pele do rosto uma erupção de varíola. Para os terrenos duros a disposição proposta era contra-producente.

Ter dois tipos de automóveis, um para areias, outro para terras firmes, só seria prático se uma e outra qualidade de terrenos existissem



Desfiladeiro entre montanhas

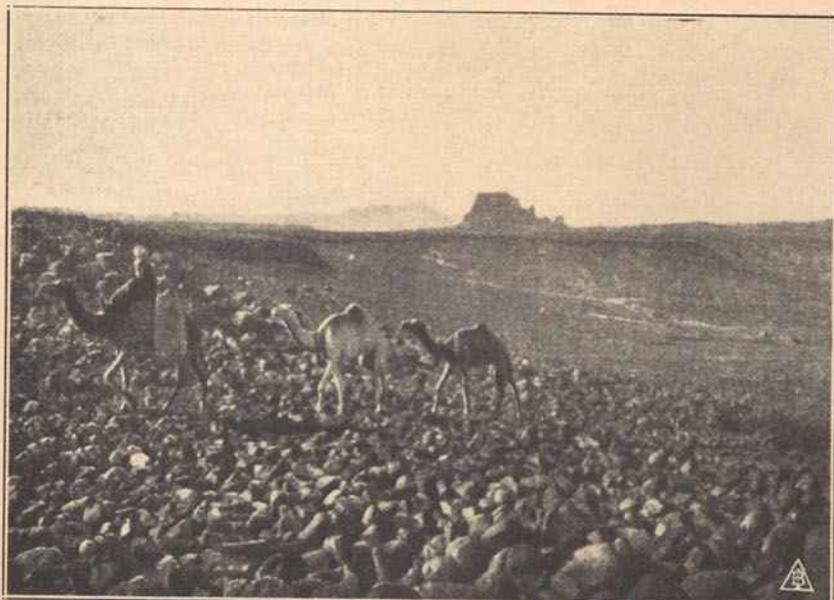
separadamente em vastas regiões; mas a verdade é que se alternam e se entremeiam, havendo que contar em ter de atravessar-se uma e outra para qualquer jornada importante. In-

ventou-se então o automóvel de seis rodas, que serve para as terras firmes e para as areias, e que, não tendo grande velocidade, apresenta, contudo, a vantagem da carga mais abundante e, portanto, de maior raio de acção.

Esses automóveis devem ter ainda as seguintes características: economizar essência e água do radiador, embora a força do motor lhes permita transportar quantidades apreciáveis; leito do carro bastante elevado para que as molas e engrenagens não rocem pelos acidentes do terreno; motor suficiente para obter a velocidade média de 30 quilômetros por hora; pneumáticos bem resistentes, por forma que se não deixem facilmente rasgar pelas arestas pedregosas.

Quanto a estradas, não há que pensar em fazê-las, visto que são regiões onde tudo falta e onde se não prevê riqueza que explorar. Usam-se apenas balizas, pequenos montões de pedra, de espaço a espaço, que vão encaminhando o viajante pelo trilho mais favorável que é, frequentemente, o que já seguiam as caravanas. No entanto, muitas vezes tem o automóvel que fazer rodeios onde o camelo passa a direito.

Por isso, e porque se trata de regiões de que não há a esperar tráfego importante, não pode afirmar-se que o automóvel expulsará o camelo como, entre nós, substituiu o cavalo. Tudo faz prever, pelo contrário, que o camelo manterá o seu domínio, conservando no norte da África o aspecto do Velho Mundo, que por quasi toda a parte se vai perdendo.



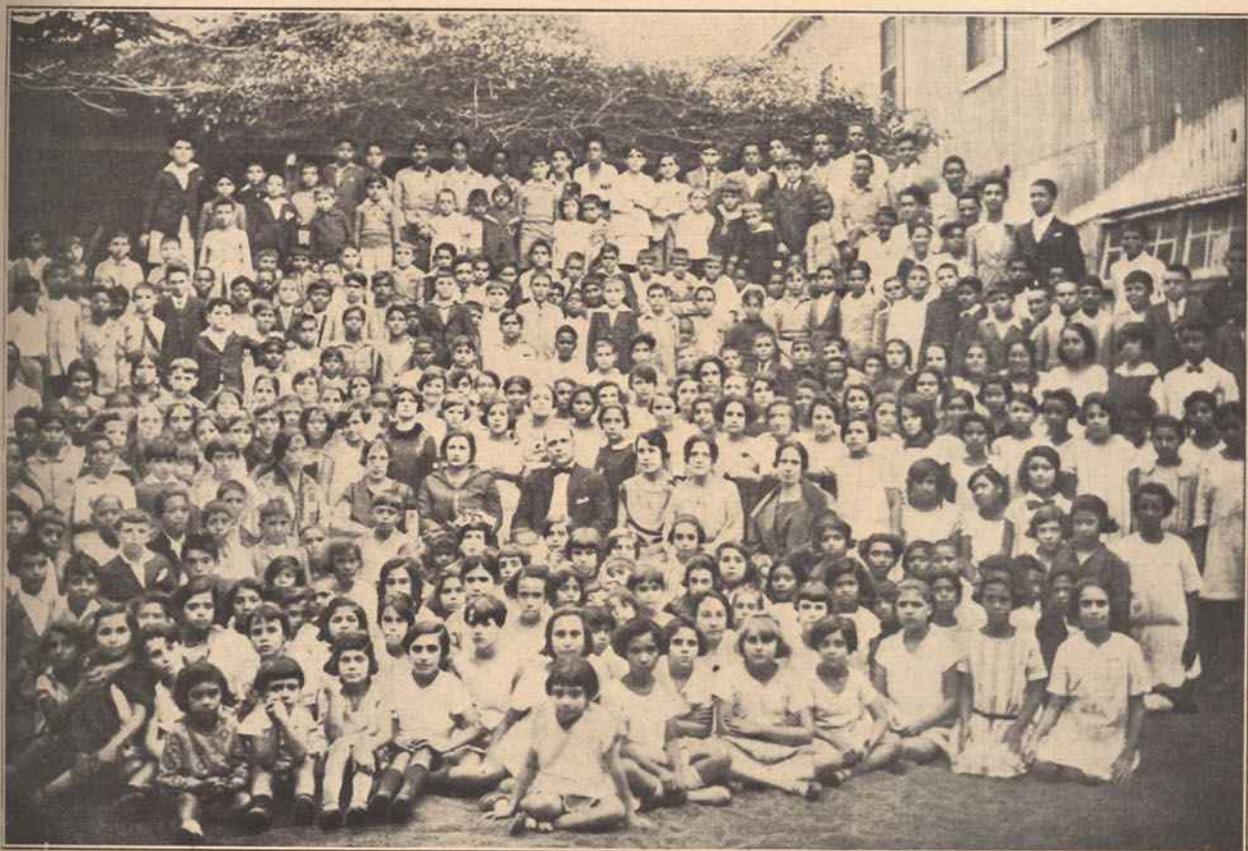
Planície basáltica

# O AUTOMÓVEL E O CAMELO

## PORTUGAL D'ALEM MAR



Cabo Verde. — Baía e porto de S. Vicente



LOURENÇO MARQUES. — Professores e alunos da Escola Central 1.ª de Janeiro, a mais importante de toda a província de Moçambique. — Da direita para a esquerda, ao centro do grupo: os professores D. Augusta Simões da Silva, D. Benilde de Pinho Brandão, D. Carlota Rodrigues Moreira, o director sr. A. Carreira da Cunha, D. Mariana Lopes Rocha, D. Branca do Céu Rodrigues Valente e D. Leonida dos Prazeres Rodrigues Valente

## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 26)**Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

Rindo tão estridentemente que toda a praça a podia ouvir, afastou-se a velha senhora.



A este tempo, já na Assembleia tinha sido rezada a oração preliminar, e ouvia-se a voz do reverendo sr. Dimmesdale, que começava o seu discurso. Um sentimento irresistível prendeu Hester àquele lugar. Como o sagrado edificio estava cheio de mais para que uma só pessoa, que fosse, ainda pudesse entrar, Hester veio collocar-se ao pé do cadafalso do pelourinho. Era bastante perto para que o sermão lhe chegasse todo aos ouvidos, em forma de um murmúrio e fluxo, indistintos mas variados, da voz peculiaríssima do padre.

Era este órgão vocal por si próprio um rico dote, a ponto de que uma pessoa que estivesse ouvindo, mas que nada entendesse da lingua em que falava o pregador, não deixaria de receber comoção, meramente do tom e da cadência. Como toda a música, exprimia aquela voz sentimento e paixão, e emoções elevadas ou delicadas, numa linguagem natural a todo o coração humano educado. Por velado que o som viesse, ao passar pelos muros da igreja, Hester Prynne escutava com tanta atenção, e com uma simpatia tão íntima, que todo o sermão tinha para ela sentido, do principio ao fim, independentemente das palavras, que não distinguia. Talvez que até estas, se mais claramente as ouvisse, não passassem de intermediário grosseiro, que velasse o sentido espiritual. Ora ouvia a voz quasi murmurando, como se fosse o

vento a abrandar-se para repousar; ora com ela ascendia, quando se alava através de successivas gradações de doçura e de força, até que seu volume parecia envolvê-la numa atmosfera de religioso temor e de grandeza solene. E contudo, por majestosa que às vezes se tornasse a voz, sempre nela havia um íntimo queixume. Era uma expressão, alta ou sumida, de angústia — o murmúrio, ou o grito, da humanidade que sofre, que acordava uma emoção em cada peito! Por vezes era este murmúrio de mágoa a única cousa que se podia ouvir, e mal se ouvia, suspirando em meio de um silêncio desolado. Porém mesmo quando a voz do padre se tornava alta e imperiosa — quando subia num jacto irreprimível — quando assumia toda a sua força e extensão, enchendo a igreja e rompendo saída através das sólidas paredes, para vir expandir-se no ar livre — ainda então, se o ouvinte escutasse attentamente, sentiria o mesmo grito de dor. Que era? A queixa de um coração humano, carregado de tristeza, culpado talvez, que contava seu segredo, de culpa ou de mágoa, ao grande coração da humanidade, pedindo a sua simpatia ou o seu perdão — a cada momento — em cada modulação da voz — e nunca em vão! Era este tom occulto, profundo e continuo, que conferia o mais eficaz poder de impressão à pregação do padre.

Todo este tempo Hester ficara, como estátua, ao lado do cadafalso. Ainda que a voz do padre ali a não houvesse prendido, teria experimentado, ainda assim, um magnetismo inevitável naquele lugar, donde contava a primeira hora da sua vida de ignomínia. Havia nela um pressentimento — tão indefinido que se não tornava em pensamento, mas que lhe pesava opressivamente no espirito — de que todo o círculo da sua vida, antes e depois desse momento, estava ligado a este lugar, como ao único ponto que lhe dava unidade.

Entretanto Pearl tinha saído de ao pé da mãe, e andava a brincar a seu belprazer pela praça. Tornava alegre a multidão sombria com a sua luminosidade estranha e caprichosa, do mesmo modo que uma aye de penas claras ilumina toda uma árvore de folhas escuras, saltitando de um lado para outro, meio-vista, meio-escondida no crepúsculo da densa folhagem. Tinha a pequena um andar ondulante, mas por vezes brusco

e irregular, que revelava a vivacidade irrequieta de seu espirito, duplamente infatigável neste dia em sua aérea dança, porque o excitava e fazia vibrar a inquietação da mãe. Quando Pearl via qualquer cousa que excitasse a sua curiosidade sempre desperta e caprichosa, tomava conta dessa pessoa ou desse objecto como se fosse propriedade sua, visto que a desejava, mas sem lhe dar em troca o mais pequeno domínio sobre os seus próprios movimentos. Os puritanos olhavam, e se sorriam, nem por isso ficavam menos inclinados a afirmar que a criança devia ser filha de um demónio, tal era o encanto indescriível de beleza e de excentricidade que irradiava da sua figurinha, e que scintilava com a sua actividade. Pearl deu uma corrida, e olhou frente a frente os índios bárbaros; e estes descobriram nela uma natureza mais bárbara que a deles. Dali, com a sua audácia natural, mas também como uma reserva não menos característica, voou para o meio de um grupo de marinheiros, os bárbaros queimados do oceano, como os índios o eram da terra; e eles olharam com pasmo e admiração para ela, como se um floco de marinha escuma houvesse tomado a forma de uma pequenina, e houvesse sido dotado de uma alma do fogo do mar, que de noite brilha por debaixo da proa.

Um desses homens do mar — o capitão, que já falara a Hester — ficou tão encantado com o aspecto de Pearl, que tentou apanhá-la, para lhe dar um beijo. Vendo que era tão impossível apanhá-la como a um beija-flor, tirou do chapéu a corrente de ouro que nelle trazia enrolada e atirou-a a criança. Esta imediatamente a enrolou ao pescoço e à cintura, com tal arte, que, uma vez ali vista, parecia parte dela, e seria difficil imaginá-la sem a corrente.

— A tua mãe é aquella mulher da letra encarnada? — disse o marinheiro. — É capaz de lhe levar um recado meu?

— Se o recado me agradar, levo — respondeu Pearl.

— Então diz-lhe — replicou elle — que tornei a falar com aquelle velho fisico de cara escura e ombro torto, e elle compromete-se a trazer consigo para bordo o seu amigo, o cavalheiro que ella sabe. Por isso não tem tua mãe que pensar senão em si e em ti. É capaz de lhe ir dizer isso, feiteceirinha?

— Diz a senhora Hibbins que o meu pai é o Príncipe do Ar! — exclamou Pearl com um sorriso travesso. — Se tu me chamas esse nome feio, queixo-me de ti a ele, e ele corre atrás do teu navio com uma tormenta!

Atravessando a praça em zigzague, voltou a criança para ao pé da mãe, e comunicou-lhe o recado do marinheiro. O espírito forte, calmo e sofredor de Hester quasi sucumbiu, por fim, ao ver este semblante escuro e sinistro de uma fatalidade inevitável, que — no próprio momento em que parecia deparar-se, a ela e ao padre, saíra para fugir do seu labirinto de desventura, se lhes atravessava, com sorriso impiedoso, mesmo no meio do caminho.

Perturbada pela terrível perplexidade em que a lançava a informação do mestre do navio, viu-se ainda sujeita a outra provação. Havia ali muita gente do campo, que já ouvira falar muito da letra encarnada, e a quem esta inspirava grande medo e consequência de mil boatos falsos ou exagerados, mas que ainda a não tinha visto com os olhos do corpo. Estes, depois de terem esgotado outros modos de entretenimento, tinham-se agora juntado em torno de Hester Prynne com curiosidade rústica e molesta. Por pouco escrupulosa, porém, que fosse esta curiosidade, não se aproximavam mais que até algumas jardas. A essa distância, pois, se postaram, ali presos pela força centrífuga da repugnância que o símbolo inspirava. Todo o bando dos marinheiros, vendo formar-se ali um ajuntamento, e informados do sentido da letra encarnada, vieram também apresentar na roda as suas caras queimadas de bandidos. Os próprios índios sentiram uma espécie de contágio da curiosidade dos brancos e, atravessando a multidão, fixaram no peito de Hester os seus olhos negros, de cobra, pensando, talvez, que a portadora deste sinal ricamente bordado deveria ser pessoa de alta dignidade entre os seus. Por fim, os habitantes da cidade (cujo interesse por este objecto, que já se tornara banal, foi lentamente revivendo, por simpatia com o interesse que viam nas demais pessoas) foram-se também dirigindo, lentamente, para ali, e atormentaram Hester, talvez mais que todos os outros, demorando os olhares frios, que ela tão bem conhecia, naquele sinal de opróbrio. Hester viu e reconheceu as mesmas caras daquele grupo de donas que havia esperado a sua saída da porta da cadeia, havia sete anos; todas menos uma, a mais jovem e a única entre todas que se compadecera, cujas vestes de entêrro ela mesma tinha feito. Na hora final, quando tão pouco faltava para que arrojasse de si a letra ardente, tinha-se esta singularmente tornado centro de maior reparo e excitação, vindo assim a queimar-lhe mais dolorosamente o peito do que em qualquer outra ocasião desde o primeiro dia em que a usara.

Enquanto Hester se encontrava naquele círculo mágico de ignomínia, onde a subtil crueldade da sua sentença parecia tê-la prendido

para sempre, o admirável pregador olhava do púlpito sagrado para um auditório cujas almas inteiramente se tinham submetido ao seu domínio. O santo sacerdote na igreja! A mulher da letra encarnada na praça! Que imaginação teria irreverência bastante para conjecturar que a ambos queimava o mesmo estigma!

## XXIII

## REVELAÇÃO DA LETRA ENCARNADA

A voz eloqüente, sobre a qual as almas do auditório se haviam elevado como sobre as ondas do mar, calara-se por fim. Houve um silêncio momentâneo, profundo como o que devia fazer-se quando acabavam de proferir-se oráculos. Seguiu-se um murmúrio e discreto bulício, como se os ouvintes, libertos do poderoso encantamento que os havia transportado à região do espírito de outro homem, voltassem a si mesmos, com todo o seu pasmo e respeito ainda a pesar sobre eles. No momento seguinte começou a multidão a romper pelas portas da igreja. Acabado o sermão, precisavam de respirar outro ambiente, mais próprio para manter a grosseira vida terrena a que volviam do que a atmosfera que o pregador tinha convertido em palavras inflamadas, e carregado com o rico aroma do seu pensamento.

No ar livre, o seu êxtase irrompeu em palavras. A rua e a praça do mercado soavam, de lado a lado, os louvores do padre. Os que o tinham ouvido não descansavam enquanto não diziam uns aos outros o que sabiam melhor do que podiam contar ou ouvir. Segundo seu testemunho unânime, nunca homem havia falado com tal sabedoria, sublimidade e santidade como aquele que hoje falara; nem alguma vez a inspiração tinha passado por lábios humanos mais evidentemente do que pelos d'êlle passara. Podia ver-se, por assim dizer, a sua influência, a descer sobre ele, a possuí-lo, a arrastá-lo continuamente para fora do discurso escrito que tinha diante de si, e a enchê-lo de ideas que deviam ser tão maravilhosas para ele como para o auditório. Fôra o tema, ao que parecia, a relação entre a Divindade e as comunidades humanas, com especial referência à Nova Inglaterra, que aqui estavam plantando no sertão. E, ao aproximar-se do termo, como que um espírito profético baixara sobre ele, dominando-o tão poderosamente como aos profetas de Israel, com a diferença, porém, de que, ao passo que os videntes judeus haviam predito a ruína da sua nação, a missão d'êlle era anunciar um destino alto e glorioso a este novo povo do Senhor. Mas, através de tudo isto, e por todo o discurso, houvera certa nota íntima de profunda tristeza, que só se podia interpretar como a natural saudade de quem em breve passaria. Sim; o seu ministro a quem tanto amavam — e que tanto os amava a eles que os não podia deixar pelo Céu sem um suspiro — tinha sobre si um pres-

sentimento de morte prematura, e em breve os deixaria a seus prantos! Esta idea da sua estada transitória na terra dera a última ênfase ao efeito que o pregador tinha produzido; era como se um anjo, em sua passagem para o Céu, houvesse um momento sacudido as asas luminosas sobre o povo — sombria e esplendor a um tempo — e houvesse deixado cair sobre ele uma chuva de verdades de ouro.

Tinha, pois, começado para o reverendo sr. Dimmesdale — como sucede à maioria dos homens, em suas várias esferas, ainda que raras vezes reconhecida antes de já há muito ter passado — uma época de vida mais brilhante e cheia de triunfo que qualquer das que a tinham precedido, ou das que poderiam suceder-lhe. Estava ele, neste momento, na mais honrosa altura a que os dons da inteligência, da erudição e da eloqüência dominadora, e uma reputação de mais pura santidade podiam elevar um sacerdote nestes primeiros tempos da Nova Inglaterra, quando a própria qualidade da sua profissão já de si era elevado pedestal. Tal era a posição em que o padre se encontrava quando curvou a cabeça sobre as almofadas do púlpito ao acabar o Sermão da Eleição. Entretanto, Hester Prynne estava ao pé do cadafalso do pelourinho, com a letra encarnada sempre a arder-lhe no peito!

Souo agora de novo o clangor da música, e o passo regrado do acompanhamento militar ao sair as portas da igreja. O cortejo ia dali para a sede do município, onde um banquete solene devia completar as cerimônias do dia.

Tornou a passar o bando de anciãos venerandos e majestosos caminhando por uma larga rua que lhes abria o povo, retirando-se respeitoso, a um e outro lado, à proporção que o Governador e os magistrados, os homens velhos e sábios, os santos sacerdotes, e todos quantos eram eminentes e célebres, avançavam para o meio d'êlle. Quando estavam bem a meio da praça, a sua presença foi salúdada por um brado. Este — se bem que certamente derivasse ainda mais força e volume da lealdade infantil que aquela época usava para com seus governantes — sentia-se que era a expressão irreprimível do entusiasmo que nos ouvintes acendera aquela altíssima eloqüência que ainda vibrava em seus ouvidos. Cada um sentia em si esse impulso e, ao mesmo tempo, o recebia dos vizinhos. Dentro da igreja, a custo fôra reprimido; sob o céu livre, subia ao zenite reverberando. Havia ali concurso bastante, e bastante sentimento vibrante e sinfónico, para produzir esse som mais impressionante que a música do vento, o trovão, ou o fragor do mar: aquela onda enorme de muitas vozes, unidas numa só voz pelo impulso universal que também faz de muitos corações um único e enorme coração. ¡Nunca, do solo da Nova Inglaterra, subira um brado como este! ¡Nunca, no solo da Nova Inglaterra, se erguera homem tão respeitado como este pregador!

## ILUSTRAÇÃO

E a êle, que lhe succedia? Não haveria, no ar que lhe circundava a cabeça, as partículas brilhantes de uma auréola? Tão eterealizado pelo espirito como estava, e tão glorificado por admiradores que o veneravam seus passos, no cortejo, pisavam realmente o pó da terra?

A proporção que as filas dos militares e dos civis eminentes iam avançando, todos os olhos se voltavam para o ponto onde, entre elles, se via aproximar-se o sacerdote. O brado abatia-se em murmúrio quando cada parte da multidão conseguia divisá-lo. Que fraco e pálido estava, em meio de todo o seu triunfo! A energia — ou, diga-se antes, a inspiração que o sustentara, para pronunciar até o fim a sagrada mensagem que do Céu trouxera consigo a sua própria força — já desaparecera, uma vez tão fielmente cumprido seu officio. A côr que pouco antes lhe tinham visto arder na face, apagara-se, como chama que se abate sem esperança entre as últimas cinzas. Mal parecia aquelle o rosto de um vivo, tão de morte era sua côr: era um homem quasi sem vida, êsse que ali ia a cambalear, porém cambaleava e não caía!

Outro eclesiástico — o venerando John Wilson — observando o estado em que ficara o sr. Dimmesdale ao passar a onda de pensamento e de sensibilidade, adiantou-se pressuroso a oferecer-lhe apoio. Repeliu o padre trêmulo, mas resolutamente, o braço do velho. E continuou a andar, se andar se podia dizer aquelle movimento, que mais parecia a tentativa incerta de uma criança que vê os braços da mãe estendidos para elle convidando-a a avançar. E agora, por quasi imperceptíveis que tivessem sido seus últimos passos, chegara o padre defronte do cadafalso ennegrecido pelo tempo e de que êle tão bem se lembrava, onde, há muito, em dia já separado daquele por tantos anos tristes, Hester Prynne tinha afrontado o olhar ignominioso do mundo. E ali estava Hester, com a pequenina Pearl pela mão! E ali estava a letra encarnada sobre seu peito! O padre parou; embora a música continuasse tocando a marcha solene e triunfal, a cujo som o cortejo seguia. Chamava-o para diante — para a festa! — mas êle parou.

Bellingham, durante os últimos instantes, tinha mantido fito nêle um olhar cuidadoso. Neste momento deixou o seu lugar no cortejo, e avançou para êle para o ajudar; entendendo, pelo aspecto do sr. Dimmesdale, que, se o não fizesse, êle por força caíria. Porém alguma cousa havia na expressão do padre que fêz estacur o magistrado, ainda que não fôsse homem para compreender facilmente as vagas indicações que uma alma dá a outra. Entretanto, a multidão olhava, cheia de pasmo e de respeito. Esta fraqueza terrena era, aos olhos dêles, apenas outra fase da força celestial do padre; nem lhes pareceria demasiado milagre, para tão santa pessoa, se êle de repente ascendesse ante seus olhos, tornando-se cada vez mais vago e luminoso, até desaparecer, por fim, na luz do céu!

O padre virou-se para o cadafalso, e estendeu os braços.

— Hester, — disse êle — vem aqui! Vem, minha Pearl pequenina!

Era espectral o ar com que as fitava; mas havia também nêle o quer que fôsse de terno e de singularmente triunfante. A criança, com os movimentos de ave que eram um dos seus característicos, logo correu para êle e lhe abraçou os joelhos. Hester Prynne — lentamente, como impelida por um destino inevitável, e contra a sua maior vontade, também se aproximou, mas parou antes de chegar ao pé dêle. Nesse instante o velho Roger Chillingworth atravessou a força a multidão — ou, tão sinistro, perturbado, e hediondo era o seu aspecto, surgiu talvez de alguma região infernal — para obstar a que a sua vitima fizesse o que devia! Fôsse como fôsse, o velho avançou, e segurou o padre pelo braço.

— Pára, louco, que intentas? — lhe segredou êle. — Afasta essa mulher! Deixa esta criança! Tudo ficará bem! Não ennegreças tua fama, para pereceres em desonra! Ainda te posso salvar! Querêrías manchar a tua sagrada profissão?

— Ah! tentador! Parece-me que já vens tarde! — respondeu o padre, encontrando o olhar do velho com terror, mas com firmeza. — Teu poder já não é o que era! Com a ajuda de Deus, espero agora livrar-me de ti!

E estendeu outra vez a mão à mulher da letra encarnada. — Hester Prynne, — disse com comovedora solemnidade — em nome d'Aquelle, tão terrível e tão misericordioso, que neste momento me dá a sua graça para eu fazer o que — para meu grande peccado e angústia sem nome — deixei de fazer há sete anos, vem aqui agora e com a tua força me sustenta! Tua força, Hester; mas que a guie a vontade que Deus me concedeu! Êste desgraçado velho ofendido está aqui a opor-se a êste acto com toda a sua energia! — a sua e a do demónio! Vem, Hester — vem! Ajuda-me a subir aquelle cadafalso!

A multidão começou a agitar-se. Os homens de posição e dignidade, que estavam mais perto do padre, foram tomados de surpresa, e ficaram tão perplexos quanto à significação do que viam — não podendo aceitar a explicação mais óbvia, nem imaginar qualquer outra — que ficaram espectadores silenciosos e inactivos do castigo que a Providência parecia ir infligir. Viram o padre, encostado ao ombro de Hester, e sustentado pelo braço dela a cingi-lo, aproximar-se do cadafalso e subir os degraus, tendo ainda fechada na mão a mãozinha da criança nascida em peccado. Seguiu-os o velho Roger Chillingworth, como quem estava intimamente ligado ao drama de culpa e de sofrimento em que todos haviam sido actores, e tinha, por isso, todo o direito de ser presente a esta última scena.

— Ainda que tivesses procurado por toda a terra — disse êle, deitando ao sacerdote um tenebroso olhar — nenhum sitio encontrara tão se-

creto, nem alto nem baixo, onde pudesses escapar-me, a não ser justamente êste cadafalso!

— Graças Aquelle que aqui me conduziu! — respondeu o padre.

Contudo tremia, e voltou-se para Hester com uma expressão de dúvida e ansiedade nos olhos, expressão bem manifesta, a pesar do leve sorriso que lhe assomava aos lábios.

— Não é isto melhor — murmurou êle — que o que nos sonhámos na floresta?

— Não sei! Não sei! — respondeu ella apressadamente. — Melhor? Sim: morreremos ambos, e a pequenina Pearl morrerá connosco!

— Para ti e para Pearl, será como Deus ordenar — disse o padre — e Deus é misericordioso! Vou cumprir aquella vontade que Êle me pôs clara a meus olhos. Porque eu vou morrer, Hester. Deixa, pois, que eu me apresse a tomar meu opprobrio sobre mim.

Sustentado em parte por Hester Prynne, e segurando a mão da pequenina Pearl, o reverendo sr. Dimmesdale voltou-se para os governantes austeros e venerandos; para os santos sacerdotes, que eram seus irmãos; para o povo, cujo grande coração estava penetrado de terror, mas transbordando de lucrimosa simpatia, ao presumir que algum caso muito grave de consciência — que, se fôsse cheio de peccado, o seria também de angústia e de arrependimento — lhes ia ser revelado. O sol, que pouco passava do meridiano, batia em cheio no padre, e destacava a sua figura, erguida como que a separar-se de toda a terra, para confessar o seu crime no tribunal da Eterna Justiça.

— Povo da Nova Inglaterra! — exclamou êle, com uma voz que se ergueu por sobre todos, alta, solene, majestosa — mas sempre com um tremor nela, e por vezes um grito, que rompia de um abismo insondável de remorso e de dor — vós que me haveis amado! — vós que me haveis tido por santo! — vêde-me aqui, o maior peccador do mundo! Emfim! — emfim! — estou no lugar onde, há sete anos, devia ter estado, com esta mulher, cujo braço, mais que a pouca força com que até aqui me arrastei, evita, neste momento terrível, que eu caia de bruços no chão! Vêde, a letra encarnada que Hester usa! Todos vós tendes fugido dela! Onde quer que ella passasse — onde quer que, sob êsse fardo tão triste, ella esperasse encontrar repouso — a letra lançava em torno dela uma luz sinistra de repugnância e horror. Mas alguém havia em meio de vós, de cujo sinal de peccado e de infâmia não experimentastes a abominação!

Dir-se-ia, neste momento, que o padre se veria forçado a deixar occulto o resto do segredo. Consegiu, porém, vencer a fraqueza do corpo — e, ainda mais, o temor do coração — que ia tomá-lo. Sacudiu todo auxilio, e deu um passo arrebatado para diante da mulher e da criança.

— O sinal estava nêle! — continuou, com uma espécie de raiva; tão determinado estava a dizer tudo.

(Continua.)

# P A S S A T E M P O

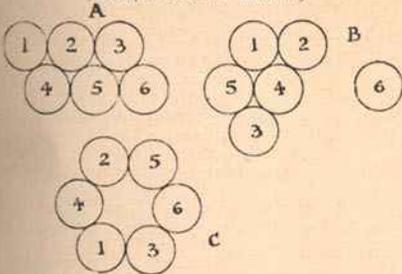
## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do n.º 26)

V	O	Z				
O	P	A				
Z	A	G	A	L		
		A	V	O		
		L	O	G	A	R
				A	M	E
				R	E	U

### AS SEIS MOEDAS

(Solução do 26.º numero)



Disponham, primeiro, as moedas como no diagrama A. Em seguida mudem, com cautela, a 5 e a 3, ficando assim tôdas na posição B. Finalmente coloquem a 1 de encontro à 3 e à 4 e mudem a 3 e a 5 para as suas respectivas posições em C. Os números 2, 4 e 6 nunca se moveram dos seus respectivos lugares em A.



Lili: — Está tanto frio, mamã!  
 Mãe: — Acochega-te bem na cama filha, que o Anjo da Guarda fará com que fiques quenteinha.  
 Lili (depois de uma pausa): — Ó mamã! e se trocássemos o Anjo da Guarda por uma botija?

### O PREÇO

Laura: — Quanto davas tu para ter um cabelo como o meu?  
 Ida: — Não sei. Quanto é que tu deste?

O Azevedo estava com uma pressa enorme, não havia dúvida. Ao descer vertiginosamente as escadas do hotel e saltar para dentro de um taxi que passava na ocasião gritou para o chauffeur: — Vá como um raio por aí fora!  
 O chauffeur reconheceu-lhe a pressa e respondeu: — Pronto!

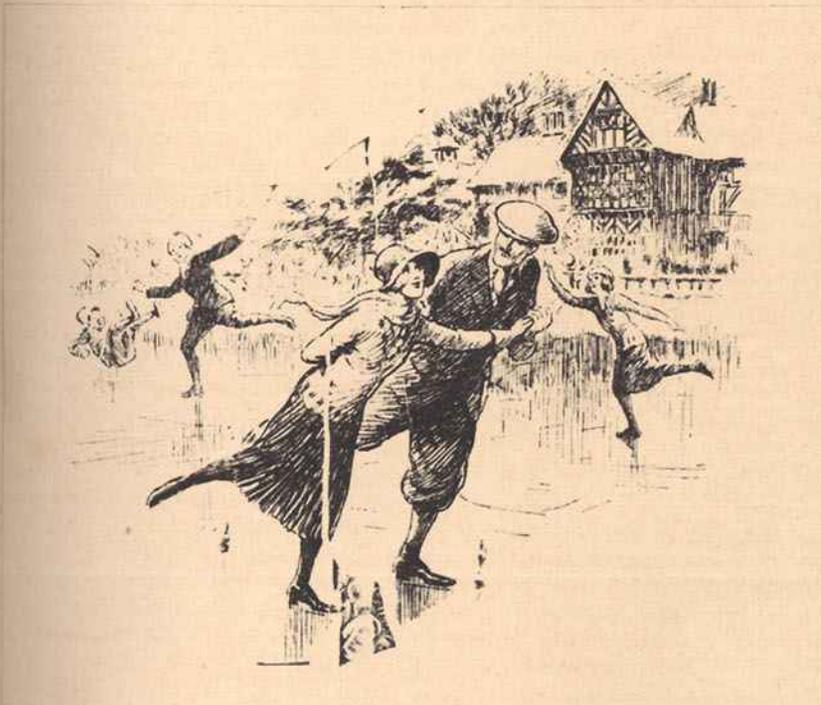
Manobrando alavancas e travões fez o carro precipitar-se por ali adiante que parecia vivo: Viraram esquinas quasi esbarrando nas paredes, atravessaram praças, iam atropelando um policia, um vendedor de hortaliça, a custo evitavam chocar com electricos e carroças quando ao fim de dez minutos o Azevedo deita a cabeça de fora e grita para o chauffeur.  
 — Ainda falta muito para lá chegarmos?  
 — Eu não sei — respondeu o chauffeur. — O patrão não me disse onde queria ir!

## PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

	1	2		3	4	5	
6				7	8		
9			10	11		12	
13			14	15	16		
			17		18		
		19					
20		21					22
23	24	25		26		27	28
29		30				31	
		32				33	
		34				35	

Horizontalmente:  
 1 Conjunção. — 3 Caridade. — 6 Tempêro. — 7 Viscera. — 9 Em Veneza. — 11 Querer bem. — 13 Epoca. — 14 Nas cidades. — 16 Rose. — 17 Apelido. — 19 Numa sala. — 21 Terrível doença. — 23 Nos passaros. — 26 Nas confrarias. — 27 Sultão. — 29 Animal do Perú. — 31 Musa. — 32 Uma distração. — 33 Cabeça de gado. — 34 Pelos marés. — 35 Nome biblico.  
 Verticalmente:  
 1 Sobre as ondas. — 2 Numa cadeia. — 4 Tempo de um verbo. — 5 Agrada sempre. — 6 Título inglês. — 8 Muito fundo. — 9 Ordem. — 10 Musa. — 12 Sempre o primeiro. — 14 Preciosa descoberta. — 15 Para a frente. — 17 Vulgar na Escóssia. — 18 Anel. — 20 Na parede. — 22 Esturo alegre. — 24 Espirito. — 25 No lim da oração. — 27 Longe. — 28 Flôr. — 30 No altar. — 31 Acredita.



Cinco espectadores já idosos estão entretidos a ver patinar.

# BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM DEZEMBRO DE 1926

## LITTERATURA

ADREU E LIMA (INACIO DE) — *Novas bailatas*. (Versos), 148 p. 8.<sup>o</sup> — 62000.  
 ALGARVE (MARCOS) — *Mistérios da Praia da Rocha*, 333 p. 8.<sup>o</sup>  
 ALMEIDA RÍO (EUFRÁSIA DE) — *Soluções e flores*. (Versos), 126 p. 8.<sup>o</sup>  
 ALVES (P. GONÇALO) — *Espelho dalma*. (Sonetos e poeasias), 167 p. 8.<sup>o</sup> — 52000.  
 AMARAL JÚNIOR (JOÃO) — *Dever sagrado*. ... Romance, 311 p. 8.<sup>o</sup> — 52000.  
 ANTERO (ADRIANO) — *O Ramo de Oliveira*, 167 p. 8.<sup>o</sup> — 72500.  
 ARDEL (HENRI) — *O Tio Renato*. Romance. Trad. de Campos Monteiro, 206 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 BARRETO (PAULO) — *A Bela madame Vargas*. Peça em 3 actos, 2.<sup>a</sup> ed., 182 p. 8.<sup>o</sup>  
 BENSUAIDE (JANE) e CAMPOS (AGOSTINHO DE) — *O que canta o pintassilgo* e outras histórias. Ilustrações de Raquel Roque Gameiro Ottolini e Emmerico Nunes, 63 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 62000.  
 CARDOZO (PEDRO M.) — *Jardim das hesperides*. (Versos), 16 p.  
 CARVALHAL (ANTÓNIO) — *Estrada de Damasco*. (Sonetos), 135 p. 8.<sup>o</sup>  
 CASTRO (SÉRGIO DE) — *Homens de letras e flores*, 240 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 72500.  
 CORTESÃO (JAIME) — *O Romance das ilhas encantadas*. Ilustrações de Roque Gameiro, 47 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 62000.  
 DAMAD (M.) — *A Enteadada*. Romance premiado pela Academia Francesa, 466 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 FERREIRA DE CASTRO — *O Drama da sombra*. Novela, 91 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 32000.  
 FEUILLADE (LUIS) — *Romance de uma engratada*. Drama emocionante adaptado a cine-novela por Paul Cartoux, 136 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. e grav. — 42000.  
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO) — *Porque me orgulho de ser português*, 3.<sup>a</sup> ed., 103 p. 8.<sup>o</sup> — 22000.  
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Sóror Mariana*, a sua vida e a sua obra. (Colecção Patricia), 16 p., c. grav. — 22500.  
 FRENE — *13 contarellos*, 171 p. 8.<sup>o</sup>, c. grav. — 92000.  
 L'ÉROMITE (PIERRE) — *A Grande amiga*. (Romance). Trad. de Augusto Moreno, 391 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 LIMA (MATIAS) — *Alma dispersa*, 157 p. 8.<sup>o</sup>  
 LIVRO (O) *de ouro infantil*. (Biblioteca Pim-Pim-Pum! Tomo I), 179 p. 4.<sup>o</sup> — 225000.  
 MANSOS RIBEIRO (A.) — *Garçonices*. (Versos), 111 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 62000.  
 MARCHÉ (ÉTIENNE) — *A avó ou Duas vezes mãe*. Nova ed., 322 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 MARDEN (ORISON SWETT) — *O Aperfeiçoamento individual*. Trad. de A. P. Neves Ferreira, 233 p. 8.<sup>o</sup> — 92000.  
 MARDEN (ORISON SWETT) — *Vozes animadoras*. Trad. de Augusto Moreno, 282 p. 8.<sup>o</sup> — 92000.  
 MARINHA DE CAMPOS (ARTUR) — *100 temas de amor*. (Versos), 112 p. 8.<sup>o</sup> — 62000.  
 MARYAN (M.) — *Casamento moderno*. (Romance). Trad. de Manuel de Melo, 277 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 MARYAM (M.) — *A Rosa azul*. (Romance). Trad. de Sousa Martins, 202 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 MOLIERE — *O Doente de seisma*. Comédia em 3 actos. Traduzida de prosa a verso por António Feliciano de Castilho, 2.<sup>a</sup> ed., 213 p. 8.<sup>o</sup>  
 O'NEILL (MARIA) — *O Paraíso das crianças*. Ilustrações de Ricardo Santos, 126 p. 8.<sup>o</sup> — 62000.  
 OSÓRIO GOULART — *Horas solenes*. Alocuções e conferências. Notas e comentários, 132 p. 8.<sup>o</sup>

PARREIRA (MARIA CANDIDA) — *Cantigas levadas o vento*. (Quadrás), 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> ed., 92 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 PASSOS (CARLOS DE) — *D. Sebastião — Rei e martir*. Notas críticas acerca do livro «D. Sebastião», 35 p. 8.<sup>o</sup> — 32000.  
 RIBEIRO (AQUILINO) — *Andam faunos pelos bosques*. (Romance), 329 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 SARDINHA (ANTÓNIO) — *Era uma vez um menino*. ... Elegias, 62 p. 8.<sup>o</sup> — 62000.  
 SERZEDELO (SARA) — *Canto do cisne*. (Poemas postumos), 173 p. 8.<sup>o</sup> — 122000.  
 SIMÕES MULLER (ADOLFO) — *Asas de Icaro*. (Versos dos dezasseis annos), 83 p. 8.<sup>o</sup> — 62000.  
 SOARES (FELICIANO) — *Preoccupações*. (Crónicas), 207 p. 8.<sup>o</sup> — 72000.  
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *Como eu vi o Brazil*, 2.<sup>a</sup> ed., 130 p. 8.<sup>o</sup> — 62000.  
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *Mosquitos por cordas*. (Biblioteca infantil). Ilustrações de Morris, 136 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.  
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *O Rouxinol e o grilo*. Conto infantil. Ilustrações de Eduardo Malta, 30 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 32500.  
 VAZ FERREIRA — *Casados*. (Romance). (Os três estados — II), 262 p. 8.<sup>o</sup> — 102000.

DIAS (URBANO) — *Vultos da minha terra. I Petronilha da Mota, a primeira freira micaelense*, 63 p. 8.<sup>o</sup>  
 GALVÃO TABORDA (MARIA CANDIDA) — *A História no ensino secundario*, 31 p. 8.<sup>o</sup>  
 GUERRA PINHEIRO (MARIA HENRIQUETA) — *Fernão Lopes e o estudo da sociedade portuguesa no século XIV*, 51 p. 8.<sup>o</sup>  
 LEÃO (AGARENA DE) — *A Cosinha familiar*, 2.<sup>a</sup> ed., 31 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. — 42000.  
 LOPES (BERNARDINO) — *Guia do automobilista*, 191 p. 8.<sup>o</sup> — 152000.  
 MARQUES (HENRIQUE) — *Os Editores de Camilo*. Alguns subsídios para a historia da livraria em Portugal. Com retratos de Camilo e de 22 dos seus editores, 210 p. 8.<sup>o</sup> — 122500.  
 PASSOS e SILVA (LUIS MARIA DE) — *Elementos de desenho*, 66 p. 8.<sup>o</sup>, c. 12 est. — 102000.  
 SILVA ELISEU (HORACIO DA) — *Noções de silvicultura*, 322 p. 8.<sup>o</sup> — 252000.  
 TRAVEIRA DE CARVALHO (J. N.) — *Notas de arte e critica*. Com prefácio do Dr. Joaquim Costa, XI, 474 p. 8.<sup>o</sup> — 152000.

## HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DORNELAS (AFONSO DE) — *História e genealogia*. XIII vol., 201 p. 8.<sup>o</sup>, c. grav. e est.  
 LOPES DIAS (JAIME) — *Emografia da Beira*. Vol. I — Lendas, costumes, tradições, crenças e superstições. (Carta-prefácio do Dr. Leite de Vasconcelos), 176 p. 8.<sup>o</sup> — 92000.  
 REIS MACHADO (AUGUSTO) — *Contribuições para o ensino da história nos liceus*, 2.<sup>a</sup> ed., 39 p. 8.<sup>o</sup> — 52000.  
 SOUSA LARCHER (TITO DE) — *Estudos de regionalismo. I A Divisão principal em Portugal*, 31 p. 8.<sup>o</sup>  
 VALDÊS (JUAN DE) — *Diálogo de doutrina cristiana*. Reprodução em fac-simile de Pexemplaire de la Bibliothèque National de Lisbonne (édition d'Alcalá de Henares, 1529) avec une introduction et des notes par Marcel Bataillon, 313, 215 p. 8.<sup>o</sup>

## SCIÊNCIAS E ARTES

AGUIAR BARREIROS (P.<sup>a</sup> MANUEL DE) — *Egredias e capelas românticas da ribeira Lima*, 95 p. 8.<sup>o</sup> — 225000.  
 BEÇA (HUMBERTO) — *Os Castelos de Entre-Douro e Minho* (Castelos de Portugal — II), 45 p. 8.<sup>o</sup>  
 COMUNICAÇÕES dos Serviços Geológicos de Portugal. Tomo XV, 106, XXIX p. 8.<sup>o</sup>, c. grav. e est.

## REVISTAS

Registamos a existência das seguintes:  
 ACÇÃO CATÓLICA.  
 ÁGUA (A).  
 ALMA NOVA.  
 AMIGO DA INFANCIA.  
 ANAIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS.  
 BIBLIOGRÁFICA (A).  
 BIBLOS.  
 BROTERIA.  
 CONTEMPORANEA.  
 DE THEATRO.  
 DIONYSOS.  
 DOMINGO (O) ILUSTRADO.  
 ECO DOS SPORTS.  
 ESTUDOS.  
 EVA.  
 GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO.  
 LABOR.  
 LISBOA MÉDICA.  
 LUSITANIA.  
 MAGAZINE BERTRAND.  
 MÉDICOS PORTUGUESES.  
 NAÇÃO PORTUGUESA.  
 PORTUGÁLIA.  
 REVISTA DE GUIMARÃES.  
 REVISTA DE HISTÓRIA.  
 REVISTA DO COMÉRCIO E CONTABILIDADE.  
 REVISTA ESCOLAR.  
 SCIÊNCIA E INDÚSTRIA.  
 SEARA NOVA.  
 VASCO DA GAMA.  
 VIDA ELEGANTE.

## MEDICINA

CERQUEIRA GOMES (DR. M.), LAPIERRE (DR. CHARLES), AGUIAR (DR. ALBERTO DE), OLIVEIRA LITZES (DR. FRANCISCO DE), ROCHA FERREIRA (DR. A. DA) e RAMALHÃO (DR. CARLOS) — *As Caldas do Gerês*, 172 p. 8.<sup>o</sup> — 52000.  
 COLAÇO (DR. ALVARO) — *História do ensino da medicina operatoria em Lisboa* e um estudo crítico acerca do Prof. Manuel Constâncio, 145 p. 8.<sup>o</sup>

## SCIÊNCIAS CIVIS

ANTERO (ADRIANO) — *A História económica*. (História universal do comércio e da indústria). Vol. VI — *Edade contemporânea*, 666 p. 8.<sup>o</sup>  
 Código penal aprovado por decreto de 16 de Setembro de 1886. Educação oficial, 124 p. 8.<sup>o</sup>  
 SOUSA MACHADO (JOÃO DE) e PAIVA MANSO (A. J. DE) — *Manual de legislação para as escolas técnicas elementares*, 489 p. 8.<sup>o</sup>

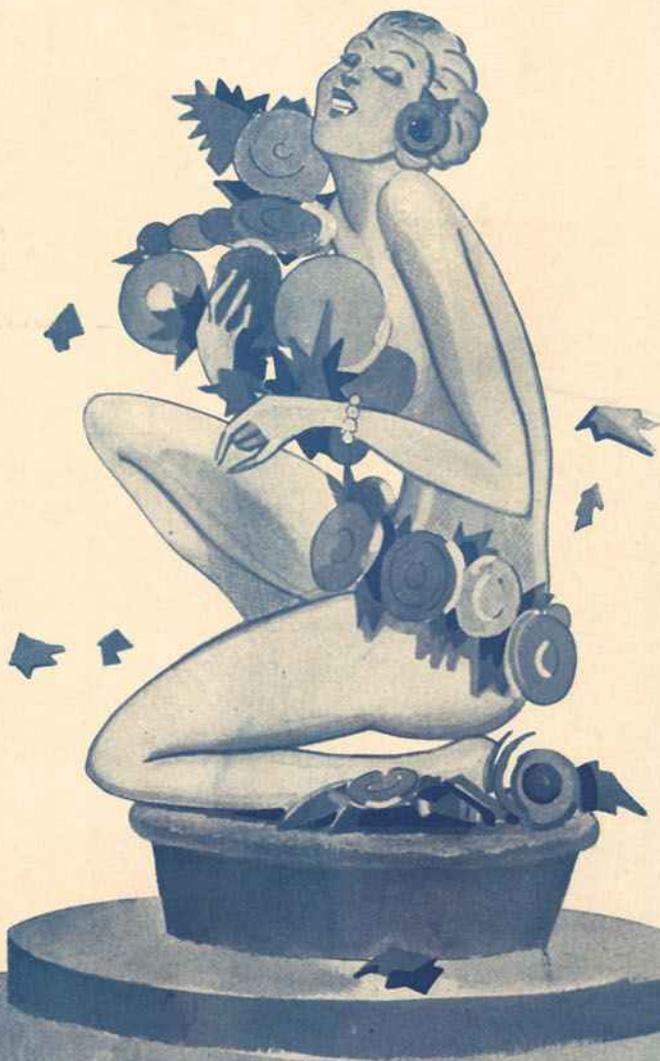
## POLIGRAFIA

ALMANAQUE (GRANDE) — *de Portugal*, 1027. Organização e propriedade de Silva Couto e Alice Couto, 493 p. 8.<sup>o</sup>, c. grav.  
 ALMANAQUE POPULAR CATÓLICO, 1027. 64 p. 8.<sup>o</sup>  
 ALMEIDA (VIRIATO DE) — *Exposição Industrial Portuguesa*. Palácio de Cristal, 1026. Catálogo oficial, 182 p. 8.<sup>o</sup>, c. capa il. e grav.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS .. .. .	Escudos 22500	Escudos 44500	Escudos 88500
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL .. .. .	» 25000	» 50000	» 100000
ÍNDIA, MACAU E TIMOR .. .. .	» 27000	» 54000	» 108000
ESPAÑA .. .. .	» 24000	» 48000	» 96000
ESTRANGEIRO .. .. .	» 32000	» 64000	» 128000



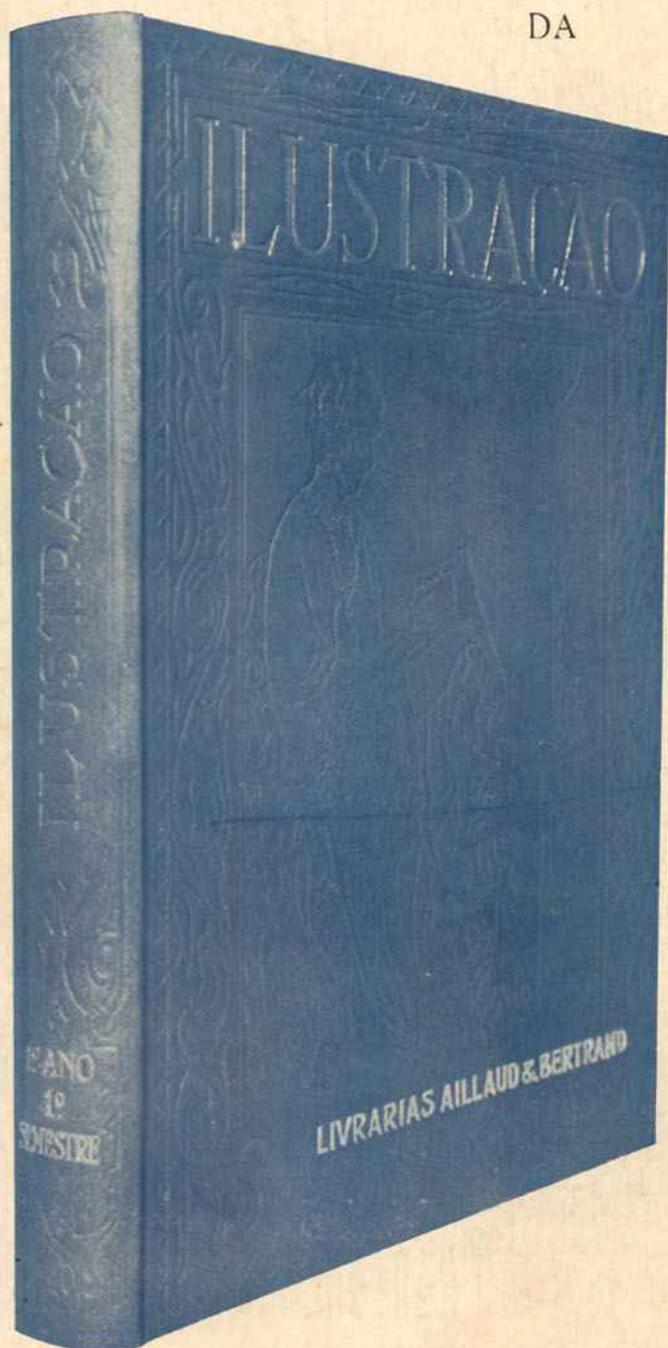
**BERTRAND IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**

+ GRANDES + ATELIERS +  
+ DE + GRAVURA +

*T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA*

# Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º E 2.º SEMESTRES

Cada volume encadernado

ESC. 68\$00

Capa em percalina  
com ferros especiais

para cada volume

ESC. 12\$00

Capa e encadernação

(cada volume)

ESC. 20\$00

• • •

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS  
AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura